

CADERNOS DE TRADUÇÃO

número 4, 1999 – ISSN 1414-8315

Departamento de Filosofia
Universidade de São Paulo

Editor Responsável
Victor Knoll

Comissão Editorial
Roberto Bolzani, Moacyr Novaes, Caetano Plastino,
Luiz Fernando Franklin de Matos, Pablo Mariconda e Márcio Suzuki

Endereço para Correspondência:
Departamento de Filosofia – USP
Av. Prof. Luciano Gualberto, 315
05508-900 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: (011) 818-3761 – Fax: (011) 211-2431
E-mail: filosofo@org.usp.br

CADERNOS DE TRADUÇÃO é uma publicação do DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA da USP



Universidade de São Paulo
Reitor: Jacques Marcovitch
Vice-Reitora: Myriam Krasilchik



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Diretor: João Baptista Borges Pereira
Vice-Diretor: Francis Henrik Aubert

Departamento de Filosofia
Chefe: Ricardo Ribeiro Terra
Vice-Chefe: Franklin Leopoldo e Silva
Coordenador do Programa de Pós-Graduação: José Carlos Estêvão

Produção: Departamento de Filosofia – USP
Editoração eletrônica: Guilherme Rodrigues Neto
Tiragem: 800 exemplares

CADERNOS DE TRADUÇÃO

4

São Paulo – 1999
ISSN 1414-8315

Górgias

Tratado do não-ente
Elogio de Helena

F. Nietzsche

Curso de Retórica

Sumário

Górgias

Tratado do não-ente.....11

Elogio de Helena.....15

F. Nietzsche

Curso de Retórica.....29

CADERNOS DE TRADUÇÃO

Górgias

Tratado do não-ente

Elogio de Helena

Tradução e apresentação de
Maria Cecília de Miranda N. Coelho

Apresentação

As traduções, que se seguem, do *Tratado do não-ente*, na versão de Sexto Empírico, e do *Elogio de Helena*, de Górgias, têm como base a edição grega de DIELS, H. & KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*, Berlim, 1989.

Sobre esses dois textos é necessário, antes, lembrar que, enquanto o primeiro é um texto cuja transmissão é indireta e do qual temos, inclusive, além da versão de Sexto Empírico, no *Adversus Mathematicus*, aquela de um autor anônimo, conhecida como *De Melisso, Xenophane, Gorgia* ou, abreviadamente, *MXG*⁽¹⁾, o segundo é um texto direto. Mas, a confiar no testemunho de Olimpíodoro de que o *Tratado do não-ente* não era um texto “sem adorno”, talvez possamos supor que a diferença de estilo que sentimos, atualmente, na leitura dessas obras não seja tão grande.⁽²⁾

Pelo fato de o texto de H. Diels recolher os vários testemunhos e fragmentos relativos a Górgias (como também a todos os outros pré-socráticos), apresentando-os desvinculados das fontes nas quais eles aparecem, cremos ser importante chamar a atenção para um aspecto da obra *Adversus Mathematicus*⁽³⁾ e que não é mero detalhe de nomenclatura. Na verdade, seus onze volumes constituem obras distintas; cinco tratam dos dogmáticos ou filósofos e seis dos matemáticos ou professores. É importante notar que o texto de Górgias é apresentado no primeiro dos dois volumes intitulados *Contra os Lógicos*, que, juntamente com os dois volumes de *Contra os Físicos* e o volume *Contra os Éticos*, compõem o tratado *Contra os Dogmáticos*. O outro, que é de fato o tratado *Adversus Mathematicus*⁽⁴⁾, é composto de cinco volumes, referentes, respectivamente aos *Gramáticos, Retores, Geômetras, Aritméticos, Astrólogos e Músicos*. Habitualmente, os dois volumes do *Contra os Lógicos* são chamados *Adversus Mathematicus vi e vii*, mas esse hábito pode, pelo menos no nosso caso, dificultar a compreensão de Górgias. Não é de pouco valor lembrar que as referências a Górgias (além daquelas feitas nos *Esboços Pirronianos*) aparecem, apenas, no tratado *Contra os Lógicos*, ou seja, não há nenhuma refe-

rência a ele no livro *Contra os Retores*, embora este se inicie com um comentário ao *Górgias*, de Platão, seguido de uma referência a Helena de Tróia – caso exemplar da beleza servindo como instrumento de persuasão. Por que, tratando exaustivamente da retórica como a arte de persuadir, Sexto não fala nada de Górgias? Tal fato não deixa de ser inquietante se pensarmos que tradicionalmente Górgias é estudado a partir da ótica platônica, seja na crítica à sofística como falsa filosofia, seja na prática de apresentar o que seria o pensamento de Górgias agrupando, indevidamente, trechos de suas obras com aqueles recolhidos nos diálogos platônicos. Este é um dos motivos que nos levam a insistir, ainda, numa outra perspectiva do pensamento de Górgias.

Vejamos, então, onde e como Sexto fala de Górgias. O *Contra os Lógicos* se inicia com a discussão sobre o sentido da palavra filosofia (I, 2) e trata das várias formas nas quais ela pode ser dividida, assumindo como a melhor aquela que considera Lógica, Física e Ética seus três principais ramos (I, 16) e da qual, segundo ele, Platão foi o primeiro adepto, tendo sido adotada, também, pelos peripatéticos e estoicos. Em seguida, é discutida a existência de um critério de verdade (I, 27-28) e os significados de ‘critério’ (I, 29-37) e de ‘verdade’ (I, 38-46), questões que, juntamente com uma teoria da prova, são os objetos da lógica. É bom ressaltar a importância que a lógica tem para Sexto, uma vez que, sendo a verdade o objetivo último de toda Filosofia, deve-se, antes de tudo, possuir princípios e métodos confiáveis para seu discernimento (I, 24). Tendo como fio condutor esse tema, ele tratará dos filósofos que o investigaram. Dentre os apresentados, alguns pouco famosos, estão Xenófanes, Protágoras e Górgias, nessa ordem. Mas, em seguida (I, 89 ss), ele afirmará que, na verdade, os físicos parecem ter sido os primeiros a abrir o caminho para o problema do critério, à medida que “tendo condenado a sensação como não confiável em muitos casos, instituíram a razão juiz da verdade das coisas” (I, 91-2).

Se fizemos questão de expor a classificação de Sexto não foi com a intenção de justificar para Górgias um lugar entre os filósofos, mas, sim, de mostrar como as classificações alteram nossa perspectiva ao estudar um autor. E, mais importante, pelo fato de a fonte para o texto de Górgias ser a obra de Sexto Empírico, cremos ser muito razoável levar em conta as indicações e classificações dadas por este último. E se, por um lado, o *Tratado do não-ente*, na sua versão, pode nos predispor a ver Górgias como um cético⁽⁵⁾, por outro, ele contrabalança o viés platônico-aristotélico que no induz a vê-lo sempre

como um sofista ou retor. Assim sendo, se estivermos atentos à obra de Sexto, Górgias é, primeiramente, descrito como um lógico (vale lembrar, no sentido de alguém que investiga os critérios de aquisição da verdade e uma teoria da prova), portanto, um filósofo e não um retor, fato que nos predispõe a ler sua obra de maneira diferente daquela à qual somos induzidos por comentários como o seguinte: “Górgias, que tinha um talento principalmente formal, despediu-se para sempre da filosofia com uma condenação radical para dedicar-se à retórica, principalmente na sua forma erística”⁽⁶⁾. Por si só, a questão das relações entre filosofia e retórica é um tema instigante para o qual tanto o *Tratado do não-ente* quanto o *Elogio de Helena* são fontes importantíssimas, e ainda que não tratemos de tal questão, devemos tê-la em mente ao começarmos a estudar Górgias⁽⁷⁾. Quanto ao problema da divisão do pensamento e, portanto, da produção de Górgias em períodos: um primeiro, de genuíno interesse em questões físicas; um segundo, cético-erístico; um terceiro, exclusivamente retórico⁽⁸⁾, devemos também lembrar que, além de questionável, ela traz mais problemas do que benefícios⁽⁹⁾.

Quanto à origem das traduções publicadas aqui, informamos que ela está, em parte, numa dissertação de mestrado em filosofia, apresentada em 1997, *Górgias: verdade e construção discursiva*, sob a orientação do Prof. Victor Knoll.⁽¹⁰⁾ Talvez seja oportuno deixar claro que um dos pressupostos que norteou tal trabalho foi o de não considerar o *Tratado do não-ente* um texto pouco sério, que apenas brinca com os sentidos predicativo e existencial do verbo ser (dicotomia, aliás, equivocada, como nos mostra C.H. Khan, ao explicar significados mais importantes de tal verbo em grego⁽¹¹⁾), nem o *Elogio de Helena* um mero exercício retórico, como habitualmente se diz⁽¹²⁾.

Notas

1. Para mais informações sobre essa versão veja CASSIN, B. *Si Parmenide*, Lille, 1980, como também WESOLOY, M. “Le techniche argomentative di Gorgia intorno alla tesi che nulla esiste”, *Sic Gymn* XXXVIII, 1-2 (1985)157-170.
2. Para uma análise estilística de Górgias pode-se consultar o texto de ZUNIGA, P.C.T. *Górgias, Fragmentos* (Introd., trad. e notas), México, 1980.

3. SEXTUS EMPIRICUS *Adversus Mathematicus* (Ed., trad. e notas R.G.Bury), London, 1933-49, 4 vol.
4. Os 41 primeiros parágrafos desse tratado são dedicados ao comentário sobre o ensino e os professores em geral, daí o nome da obra. Mas, a partir do parágrafo 41 já começa a crítica aos professores de disciplinas específicas, iniciando pelos gramáticos.
5. Vale lembrar a observação de DUPREÉL, E. *Les Sophistes*. Neuchatel, 1948, p. 63, de que "justificada ou tendenciosa" a opinião de Sexto de que Gorgias negou qualquer critério de verdade foi acolhida pela maioria dos historiadores da filosofia como sinal de seu ceticismo, bem como insistir que seria ingênuo de nossa parte supor que o texto de Sexto é imparcial na história que ele traça; no entanto, é arriscado tomarmos antologias dos pré-socráticos, cuja fonte é, inúmeras vezes, Sexto Empírico – é o caso de obras de autores famosos como H. Diels & W. Kranz, G.S..Kirk & J.E.Raven ou R. Mondolfo – sem a preocupação de que essas são algumas dentre outras possíveis classificações ou ordenações, e que elas são organizadas a partir de certos pressupostos, em geral de caráter filosófico mesmo.
6. NESTLE, W. *História del Espíritu Grieco*, Barcelona 1975(1944) p.135.
7. Sobre tal questão veja, por exemplo, CASSIN, B. *L'effec Sophisthique*. Paris, 1995 e, também da mesma autora, "A máscara e a efetividade ou *Philosophia enim simulari potest, eloquentia non potest*" *Discurso 21*(1993) 19-39.
8. *Apud* KERFERD, G.B. "Gorgias and Empedocles" *Sic Gymn* XXXVIII, 1-2 (1985)595-605, p.597. Essa classificação foi apresentada por H. Diels em 1884.
9. Já em 1932, G. Calogero apresentava, no seu influente *Studi sull'Eleatismo*, recitado em Florença, em 1977, uma reconciliação entre as teses centrais dos dois textos de Górgias, propondo uma solução para o problema de sua aparente incompatibilidade.
10. Gostaríamos de tornar público nosso agradecimento aos professores Filomena Y. Hirata e Henrique G. Murachco pelas orientações relativas à tradução do grego, acrescentando – não porque seja um hábito – que os erros restantes são de nossa responsabilidade.
11. "The Greek Verb 'to be' and the Concept of Being" *Foundations of Language* 2 (1966)245-266. Indispensável, ainda, a propósito deste tema, citar o trabalho de MOURELATOS, A.P.D. "Gorgias on the Function of Language" *Sic Gymn* XXXVIII, 1-2 (1985) 607-637.
12. "Starting with the initial advantage of having nothing in particular to say, he was able to concentrate all his energies upon to saying it" . A essa frase de M.Deniston, *apud* DOODS, E.R. *Gorgias-Plato*. Oxford, 1959, p. 9, faz coro um grande número de comentadores de Górgias.

Sobre o não-ente ou sobre a natureza, segundo Sexto Empírico

Górgias

1. Isocr. 10, 3 Como pois alguém superaria Górgias que ousou dizer que nenhum dos entes existe, ou Zenão que tentou mostrar que a mesma coisa é possível e inversamente impossível. 15, 268 Os discursos dos antigos sofistas, dos quais um dizia ser infinita a quantidade dos seres⁽¹⁾ Parmênides e Melisso um e Górgias absolutamente nenhum.

2. Olymp. in Plat. Gorg. p.112 Jahn [s. A 10 275,3] Sem dúvida, também Górgias escreve um tratado sobre a natureza, não sem adorno, na octogésima quarta olimpíada.

3. Sext. adv. math. VII 65ff. Górgias o Leontino pertenceu ao mesmo grupo dos que tinham suprimido o critério, mas não segundo o semelhante ataque daqueles em torno de Protágoras. Pois no escrito Sobre o não-ente ou Sobre a natureza três princípios ele dispõe segundo a ordem: um e primeiro, que nada existe, segundo, que se existe, é inapreensível pelo homem, terceiro, que mesmo se for apreendido, é incomunicável e indescritível ao outro. (66) Que então nada existe ele argumenta deste modo: pois, se existe <algo>⁽²⁾, ou existe o ente ou o não-ente, ou também existe o ente e o não-ente. Nem o ente existe, como ele sustentará, nem o não-ente, como assegurará, nem o ente e o não-ente, como também isto ele ensinará: logo, não existe algo. (67) Certa-

1. O trecho que está omitido na edição de Diels se refere a Empédocles, Alcmeón e Íon, conforme se constata ao consultar o *Antídosis*, de Isócrates, de onde vem a citação 915, 268). Já a primeira citação (10, 3) vem do *Elogio de Helena*, desse mesmo autor.

2. A adição do termo *ti* (algo) não é aceita por UNTERSTEINER, M. 1942, p. 38 nem por CASSIN, B. 1982, p. 31 e ss., , que, em parte, desenvolveu sua argumentação de que "Si Parménide, alors Górgias", isto é, que só se pode entender o *Tratado do não-ente* como um discurso segundo, que faz referência a um discurso primeiro, que é o *Poema* de Parmênides, com base na exclusão de tal partícula e, também, na leitura da versão MXG..

mente o não-ente não existe. Pois, se o não-ente existe, existirá e ao mesmo tempo não existirá: pois, à medida que o não-ente é pensado não existirá, mas à medida que é não-ente, de novo ele existirá. Inteiramente absurdo algo ser ao mesmo tempo e não ser. Logo, não existe o não-ente. E, de outra maneira, se o não-ente existe, o ente não existirá. Pois contrárias uma da outra essas coisas são, e se ao não-ente ocorre o ser, ao ente ocorrerá o não ser. Mas não é o caso que o ente não existe; e <na verdade> o não-ente não existirá. (68) E certamente nem o ente existe. Se pois o ente existe, ou é eterno ou gerado ou eterno e gerado ao mesmo tempo; mas, nem é eterno nem gerado nem as duas coisas, como mostraremos. Logo, não existe o ente. Pois, se é eterno o ente (é preciso começar a partir daqui) não tem um começo. (69) Pois tudo que é gerado tem um começo, e o eterno, estabelecido não gerado, não teve começo e o que não tem começo infinito é. Se é infinito, em nenhum lugar existe. Pois se existe em algum lugar, diferente dele é aquilo em que ele está, e deste modo não mais será infinito o ente que está contido em algo: pois, maior do que o que está contido é o que contém, e nada é maior do que o infinito, de modo que não está num lugar o infinito. (70) Certamente nem em si mesmo ele está contido. Pois o mesmo será o “em algo” e o “em si mesmo”, e duas coisas serão o ente, o lugar e o corpo (pois um é “o lugar em que”, o outro, “o corpo em si mesmo”). Isto é absurdo. Assim, nem em si mesmo está o ente, de tal maneira que, se o ente é eterno, é infinito, se é infinito, em lugar nenhum está, e se não está em nenhum lugar não existe. Na verdade, se é eterno o ente, desde o início nem existe ente. (71) Certamente o ente nem pode ser gerado. Pois se ele foi gerado, foi gerado ou do ente ou do não-ente. Mas não foi gerado do ente: pois se existe ente, não foi gerado mas desde sempre existe; nem a partir do não-ente: pois o não-ente não pode gerar algo, pois, por necessidade, deve participar da existência o gerador de algo. Logo, não existe nem o ente gerado. (72) Segundo o mesmo, nem as duas coisas, ao mesmo tempo eterno e gerado; pois essas coisas são destrutivas uma da outra, e se o ente é eterno, não foi gerado e se foi gerado, não é eterno. Assim, se nem é eterno o ente nem gerado nem ambas as coisas, não poderá existir o ente. (73) E, de outra maneira, se existe, ou é uno ou múltiplo: mas não é uno nem múltiplo, como se sustentará: logo, não existe o ente. Pois se é uno, ou é quantidade ou é contínuo ou é extensão ou é corpo. Mas, qualquer um destes que seja, não é uno; por um lado, estabelecido como quantidade será dividido, por outro lado, sendo contínuo será cortado. Semelhantemente, a extensão pensada não será indivisível. O corpo obtido será

tríplo: terá comprimento, largura e profundidade. Absurdo, pelo menos, nenhum desses ser dito o ente: logo, o ente não é uno. (74) E certamente nem é múltiplo, pois a síntese das coisas segundo o uno é o múltiplo, pelo que, o uno destruído também se destrói o múltiplo. Sendo assim, que nem existe o ente nem o não-ente existe, fica evidente a partir disso. (75) Que não existem as duas coisas, o ente e o não-ente, é fácil concluir. Pois, se existe o não-ente e existe o ente, o não-ente será, por causa da existência, tanto quanto o ente; e por isso nenhum deles existe. Que o não-ente não existe concordamos; tendo estabelecido o ente, o mesmo está mostrado para ele: e assim esse não existirá. (76) E mais: se o ente é o mesmo que o não-ente, não é possível existir ambos; pois se existem ambos, não são o mesmo e se são o mesmo, não são ambos. Segue-se disso nada ser. Se pois nem o ente é nem o não-ente nem ambos, e com exceção dessas coisas nada é pensado, nada existe.

(77) Que se algo existisse ele seria incognoscível e inconcebível pelo homem, deve ser demonstrado em seguida. Se pois as coisas pensadas, diz Górgias, não são entes, o ente não é pensado. Seque-se o raciocínio: assim como se às coisas pensadas ocorreu serem brancas, às coisas brancas teria ocorrido serem pensadas, do mesmo modo, se às coisas pensadas ocorreu não serem entes, segundo a necessidade ocorrerá aos entes não serem pensados. (78) Saudável e salvador é ter a conseqüência: “se as coisas pensadas não são entes o ente não é pensado”. As coisas pensadas pelo menos (deve-se antecipar) não são entes como sustentaremos: logo, o ente não é pensado. E <certamente> que as coisas pensadas não são entes é evidente: (79) pois, se as coisas pensadas são entes todas elas existem à maneira que alguém as pensasse. O que é obscuro [e se existe, ruim]. Pois nem alguém pensa num homem voando ou em carros correndo no mar e imediatamente o homem voa ou carros correm no mar. De modo que as coisas pensadas não são entes. (80) Além disso se as coisas pensadas são entes os não-entes não serão pensados. Pois aos contrários ocorrem coisas contrárias, e o contrário do ente é o não-ente. E absolutamente por causa disso, se ao ente ocorre o ser pensado ao não-ente ocorrerá o não ser pensado. Mas isso é absurdo; pois também Cila e Quimera e muitos dos não-entes são pensados. Logo, o ente não é pensado. (81) E assim como as coisas que são vistas, por isso, porque são vistas, são ditas visíveis, e as ouvidas, por isso, porque são ouvidas, são ditas audíveis, e nós não lançamos fora as vistas porque não são ouvidas nem as ouvidas descartamos porque não são vistas (pois cada uma segundo uma sensação própria, mas não segundo outra deve ser julgada), do mesmo

modo as coisas pensadas existirão porque são tomadas por um critério próprio, mesmo se não podem ser vistas pela visão nem ouvidas pela audição. (82) Se então alguém pensa em carros a correr no mar, e se não vê isso, é necessário confiar que carros estão no mar correndo. Mas isso é absurdo, logo o ente não é pensado nem apreendido.

(83) Mas mesmo que possa ser apreendido, é incomunicável ao outro. Se pois os entes são visíveis e audíveis e comumente sensíveis, os quais subsistem fora, e desses os vistos são obtidos pela visão e os ouvidos, pela audição, e não inversamente, como então é possível eles serem indicados ao outro? (84) Pois o meio pelo qual indicamos é a palavra, e a palavra não é os subsistentes e os entes. Logo, não são os entes indicados ao outro, mas a palavra, que é diferente dos subsistentes. Então, do mesmo modo que o visível não se tornaria audível e reciprocamente, da mesma maneira, porque o ente subsiste fora, ele não se tornaria nossa palavra. (85) Não sendo palavra não poderia ser mostrado ao outro. Aliás, a palavra, ele diz, é constituída a partir das coisas exteriores que se apresentam diante de nós, isto é, a partir das sensações: pois do choque com o sabor se produz em nós a palavra portadora dessa qualidade, e da insinuação da cor, a palavra sobre a cor. E se isso, não é a palavra evocativa do exterior, mas é o exterior que se torna indicador da palavra (86) E seguramente nem é possível dizer que do modo como as coisas vistas e ouvidas subsistem, deste modo subsiste também a palavra, de maneira que é possível do seu subsistente e do seu ente indicar o subsistente e o ente. Pois se a palavra subsiste, ele diz, é diferente dos subsistentes restantes, e diferem em maior grau os corpos visíveis e a palavra: pois por meio de um órgão é o visível apreendido e por outro a palavra. Logo, a palavra não mostra a pluralidade dos subsistentes, da mesma forma nem esses podem tornar evidente a natureza uns dos outros. (87) Então, com Górgias, por causa de tais aporias, vai-se, enquanto se apoia nelas, o critério de verdade: pois não havendo ente nem possibilidade de conhecer nem de ser indicado ao outro, nenhum critério poderia existir.

Elogio de Helena

Górgias

(1) Ordem para a cidade é o heroísmo dos homens, para o corpo a beleza, para a alma a sabedoria, para o ato a excelência, para o discurso a verdade; o contrário disso é desordem. E, em relação ao homem, à mulher, ao discurso, à ação, à cidade e ao ato particular é necessário honrar com louvor o digno de louvor e sobre o indigno aplicar censura; pois, igual erro e ignorância é censurar as coisas louváveis e louvar as censuráveis. (2) E, é dever do mesmo homem dizer corretamente o que é preciso e refutar ***os que censuram Helena, mulher em torno da qual, uníssona e unânime, é a crença dos que ouviram os poetas e a fama do nome, que se tornou memento de males. E eu quero, tendo dado uma lógica ao discurso, tanto livrar da acusação aquela que ouve falar mal de si, quanto, os que censuram, tendo demonstrado que se enganam e tendo mostrado a verdade, livrar da ignorância.

(3) Que, seguramente, por natureza e linhagem, o primor dos principais homens e mulheres é a mulher em torno da qual é feito este discurso, não é obscuro sequer para poucos. Pois, é claro que a mãe era Leda e o pai, o que foi, era um deus e o que era dito, um mortal: Tíndaro e Zeus. Desses, um, por ser, pareceu e o outro, por dizer, foi refutado; e um era o melhor dos homens e o outro, o senhor de todos.

(4) E, tendo sido gerada de tais, ela obteve beleza igual à divina, que tendo tomado e não ocultado, manteve. E em muitíssimos, muitíssimos desejos de amor ela suscitou, e com um só corpo conduziu muitos corpos de homens que pensavam grande sobre grandes coisas, dos quais uns tiveram grandeza de riqueza, outros a celebridade de uma antiga raça, outros o vigor de uma força própria, outros a capacidade de um saber adquirido; e chegavam todos sob o domínio do amor que gosta de vitória e do invencível gosto pela honra. (5) Quem, certamente, por que e como saciou o amor, tendo tomado Helena, não direi; pois, dizer aos que sabem aquelas coisas que já estão sabendo tem credibilidade, mas não traz satisfação. E o tempo de então, com o discurso, neste momento tendo sobrepassado, para o início do discurso que está por vir avan-

çarei e proporei as causas pelas quais era verossímil ter ocorrido a partida de Helena para Tróia.

(6) Pois, ou pelos desígnios da sorte e por deliberações dos deuses e por decretos da necessidade ela agiu como agiu ou tendo sido raptada à força, ou persuadida por palavras <ou presa por amor>⁽¹⁾. Se, no entanto, foi pela primeira, é justo ser acusado o que acusa; pois o desejo da divindade com as precauções humanas é impossível impedir. Pois é natural não o superior pelo inferior ser impedido, mas o inferior pelo superior ser comandado e guiado e tanto o superior deve governar quanto o inferior submeter-se. E a divindade é superior ao homem em força, sabedoria e noutras coisas. Se, então, à sorte e à divindade a acusação deve-se atribuir, da má reputação deve-se absolver Helena.

(7) Se com violência ela foi raptada e ilegalmente coagida e injustamente ultrajada, é evidente que, de um lado, o raptor, porque ultrajou, cometeu injustiça, por outro lado, a raptada, porque foi ultrajada, foi infeliz. Digno, então, o bárbaro que empreendeu uma empresa bárbara, pelo discurso, pela lei e pela ação receber pelo discurso, a acusação; pela lei, a desonra; pelo ato, o castigo; mas a que foi coagida, privada da pátria e feita órfã dos amigos, como, justamente, não poderia ser ela pranteada mais do que injuriada? Pois, enquanto aquele fez coisas terríveis, aquela sofreu; justo é, então, por um lado, deplorá-la e, por outro, odiá-lo.

1. Tal referência ao amor como quarta causa foi acrescentada por alguns editores, antecipando a exposição que ocorrerá a partir do parágrafo 15. UNTERSTEINER, M. *Sofisti, testimonianze e frammenti*. Firenze, 1942, vol. II, p. 95, não a aceita e dispõe as quatro causas do seguinte modo: a) deliberação dos deuses; b) força; c) persuasão pela palavra; d) desígnio da sorte e decreto da necessidade – disposição essa que conduziria a uma outra interpretação do texto e que é, a nosso ver, incompatível com o final desse parágrafo e também com o parágrafo 20. Já CASSIN, B. op. cit., 1995, p. 143, não aceita a adição, oferecendo uma justificativa interessante para isso: a quarta causa faria parte de um outro momento na argumentação, diferente dos anteriores, que têm em comum o fato de apresentar Helena como vítima, passiva, dos deuses, da violência e do discurso. O quarto motivo apresentaria uma Helena que escolhe fugir por amor, mas mesmo nesse caso, ainda que se possa acusá-la (o que nos três outros não faria sentido), ela seria defensável, pois foi vítima de seus olhos. Para compreender melhor tal explicação é preciso ter em mente a importância que Górgias atribui aos nossos órgãos sensoriais, em particular à visão e à audição. Para a discussão desse tema nos remetemos aos artigos de KERFERD, G.B., op. cit. e DONADI, F. “Considerazioni in margine all’Enconio di Elena” *Sic Gymn XXXVIII*, 1-2 (1985) 470-490.

(8) Se foi o discurso o que persuadiu e iludiu a alma, nem diante disso é difícil fazer a defesa e extinguir por completo a acusação desta maneira: o discurso é um grande soberano, que com o menor e mais invisível corpo, executa as ações mais divinas, pois ele tem o poder de cessar o medo, retirar a tristeza, inspirar a alegria e aumentar a piedade. E essas coisas, como elas são assim, eu mostrarei: (9) é preciso mostrar, por uma opinião, aos ouvintes: toda a poesia considero e nomeio um discurso que tem métrica; nos ouvintes desta penetram um tremor aterrorizante, uma piedade lacrimosa e um desejo doloroso, e diante das ações e dos corpos dos outros, pelos êxitos e reveses, um sofrimento próprio, por meio das palavras, a alma sofre. Mas vamos! Que eu mude o discurso de uma coisa para outra. (10) Pois os encantamentos inspirados pelos deuses, por meio das palavras, introduzem o prazer e afastam a dor; pois, nascendo junto com a opinião da alma, o poder do encantamento fascina, persuade e altera essa alma pelo enfeitiçamento. E duas técnicas de enfeitiçamento e magia são encontradas, as quais são erros da alma e ilusões da opinião⁽²⁾. (11) E quantos, a quantos, acerca de quanto persuadiram e ainda persuadem tendo modelado um falso discurso. Pois, certamente, se todos, acerca de tudo, tivessem a lembrança das coisas passadas, a noção das presentes e a previsão das futuras não seria igualmente igual o discurso para aqueles aos quais nesse momento nem lembrar do passado nem investigar o presente nem predizer o futuro é fácil; de maneira que, acerca da maior parte das coisas, a maioria a opinião como conselheira apresenta à alma. Mas a opinião, sendo vacilante e instável, envolve em sorte vacilante e instável os que se servem dela. (12)⁽³⁾ Então, que causa impede considerar que também Helena, semelhantemente, sob o domínio das

2. A que essas duas técnicas se referem ainda. UNTERSTEINER, M. op. cit., p. 101, seguindo Reich e Blass, vê aqui uma referência à poesia e à prosa. DUMONT, J.P. *Les Sophistes*, Paris, 1969, p. 87, além da possibilidade citada, sugere que se trate aqui da oratória e da arte médica (com base, inclusive, no parágrafo 14). Uma interpretação interessante é a de CASSIN, B. op. cit., 1995, p. 145, para quem, semelhantemente aos *dissói lógoi, dissai téchnai* se referem às “arts doubles”, capables de dire et de faire croire une chose et son contraire, le vrai et le faux ou le mensonger”.

3. O início desse parágrafo está bastante danificado. Houve várias propostas de reconstrução – pode-se ver uma análise de algumas em DIÈS, A. *Autour de Platon*. Paris, 1927, p. 110-125. A que nós utilizamos foi proposta por H. Diels, não no corpo do seu texto grego, mas em nota relativa a tal parágrafo.

palavras partiu contra vontade do mesmo modo como se raptada pela violência dos violentos? Pois em relação à persuasão é possível parecer que ela domina; por um lado, ela não tem a aparência de necessidade, por outro lado, tem a potência desta. Pois, o discurso que persuadiu a alma, a qual persuadiu, força-a a confiar nas coisas ditas e a estar de acordo com as coisas feitas. Aquele, então, que persuade, porque força, é injusto, mas a que é persuadida, porque forçada pelo discurso, inutilmente tem má reputação. (13) Que a persuasão, unindo-se ao discurso, também molda a alma da maneira que quer, é preciso saber, primeiro, pelas palavras dos meteorologistas, os quais, opinião contra opinião, ora tendo suprimido uma, ora produzido outra, fazem aparecer as coisas obscuras e inacreditáveis aos olhos da opinião; segundo, pelos debates inevitáveis, por meio das palavras, nos quais um discurso agrada e persuade numerosa multidão tendo sido escrito com arte, mas não dito com verdade; terceiro, os combates de palavras dos filósofos, nos quais é mostrada também a prontidão da inteligência, que faz mutável a crença na opinião. (14) A mesma proporção tem o poder do discurso perante a ordenação da alma e a ordenação dos remédios perante a natureza dos corpos. Pois, como dos remédios alguns retiram alguns humores do corpo, uns cessando a doença, outros a vida, assim, também, dos discursos alguns atormentam, outros agradam, outros aterrorizam, outros levam os ouvintes a uma situação de confiança e outros, por meio de uma persuasão má, drogam e enfeitiçam a alma.

(15) Que, se pelo discurso ela foi persuadida, não cometeu injustiça, mas foi infeliz, está dito. E a quarta causa vou expor com o quarto discurso. Pois, se amor foi o que fez todas essas coisas, não dificilmente ela escapará à acusação do erro que é dito ter ocorrido. Pois, aquilo que nós vemos tem a natureza, não a que nós queremos, mas a que a cada coisa aconteceu ter; e, por meio da visão, a alma também é moldada nos seus modos. (16) Pois, por exemplo, no momento em que corpos inimigos armam sobre inimigos a ordem inimiga de bronze e de ferro de uns defesa, de outros ataque – se a vista contemplar, ela se agita e agita a alma de maneira que, muitas vezes, havendo o perigo futuro, fogem aturdidos. Pois, firme, a conduta da lei emigra por causa do medo, medo que se origina da visão, e essa tendo ido, faz com que se descuide do julgado belo, belo por causa da lei, e do tornado bom, bom por causa da vitória. (17) E alguns tendo visto as coisas terríveis do presente, naquele momento presente mudaram o pensamento, tal o modo como o medo extingue e expulsa a reflexão. E muitos tombaram em penas vãs, enfermidades

terríveis e manias incuráveis; tal o modo como as imagens das coisas vistas a visão inscreveu no pensamento. E, certamente, quanto às coisas que assustam, por um lado muitas são negligenciadas, por outro, são semelhantes às negligenciadas aquelas ditas. (18) Mas, os pintores, quando a partir de muitas cores e corpos um só corpo e figura fabricam com perfeição, agradam a vista; e a fabricação de estátuas humanas e a confecção de imagens votivas um agradável espetáculo apresentam aos olhos. Assim, não só o atormentar, mas também o desejar são naturais à vista. E muitas coisas em muitos produzem amor e desejo de muitas coisas e corpos. (19) Se, então, pelo corpo de Alexandre, o olhar de Helena, tendo sentido prazer, desejo e combate de amor transmitiu à alma, que há de admirável? Por um lado, se este sendo deus tem o poderio divino dos deuses, como o que é inferior seria capaz de expulsá-lo e defender-se? Por outro lado, se ele é uma enfermidade humana e uma ignorância da alma, não deve ser criticado como erro, mas considerado como infelicidade; pois veio, do modo que veio, devido às redes do acaso, não por deliberações do juízo, por necessidades de amor e não por preparações de artifícios.

(20) Como, então, é preciso julgar justa a censura a Helena que, quer tendo se apaixonado, quer tendo sido persuadida pelo discurso, quer tendo sido raptada à força, quer tendo sido forçada pela necessidade divina, agiu como agiu e, em todos os casos, escapa à acusação ?

(21) Retirei, por meio do discurso, a má reputação da mulher, permaneci na norma que coloquei no início do discurso; tentei desfazer, por completo, a injustiça da censura e a ignorância da opinião, quis escrever este discurso, por um lado, elogio de Helena, por outro, meu brinquedo.

CADERNOS DE TRADUÇÃO

F. Nietzsche
Curso de Retórica

Tradução e apresentação de
Thelma Lessa da Fonseca

Apresentação

“Retórica” dá o título a um dos cursos que a Universidade da Basileia anunciava para o semestre de verão de 1874. No inverno de 1872/3, Nietzsche tomou emprestado na biblioteca desta universidade um livro denominado *A Linguagem como Arte*, de Gustav Gerber. Esses são alguns dos indícios sobre a possível data de redação do texto chamado “Retórica”, pois a investigação biográfica ainda não chegou a um consenso sobre a época exata em que ele teria sido escrito.

Segundo Kröner-Musarion, o texto é datado de 1874, já que teria sido escrito para o curso de verão do mesmo ano. Lacoue-Labarthe acredita tratar-se de anotações de 1872 por duas razões: o curso efetivamente dado por Nietzsche nesse período teria sido sobre Ésquilo, enquanto o curso de retórica teria ocorrido durante o inverno de 1872/1873, sendo que, para atestá-lo, recorre a duas fontes, a saber: o testemunho legado por um estudante e o anuário de cursos das universidades alemãs publicados pelo *Philosophische Monatshefte*; além disso, a cronologia estabelecida por K. Schlechta corrobora essa hipótese.

Diante dos argumentos em favor de 1872 levantados por Lacoue-Labarthe, que são de ordem biográfica, parece ser decisiva a contribuição de A. Meijers que, ao comparar detalhadamente trechos da obra de Gustav Gerber, *Die Sprache als Kunst*, com esse “Curso de Retórica”, evidencia verdadeiras compilações. A seguir, observa que o livro de Gerber fora retirado por Nietzsche na biblioteca da Universidade da Basileia no inverno de 1872/3. O debate sobre a datação se transpõe, da abordagem biográfica, para o terreno propriamente teórico quando se considera o trabalho de Meijers, pois ele evidencia o quanto Nietzsche deve a Gerber não apenas no que se refere a esse “Curso de Retórica”, mas mostra, ainda, o quanto as intuições mais originais de *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral* (texto consensualmente datado de 1873) são reformulações de excertos do livro de Gerber. Assim, Nietzsche teria tomado de empréstimo *Die Sprache als Kunst* quando da redação de seu curso de retórica – que, de resto, nem se sabe se foi efetivamente ministrado – e, posteriormente, ao escrever *Sobre Verdade e Mentira no Sentido*

Extra-Moral, teria reformulado algumas dessas idéias de forma a adequá-las a um conjunto de questões propriamente originais.

Essas observações não visam minimizar a originalidade da crítica nietzscheana sobre a linguagem. Muito diversamente, trata-se de levantar a hipótese de que a singularidade das idéias presentes em *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral* supõe esse “Curso de Retórica”. Trata-se, pois, de evidenciar a importância das anotações para esse curso como fonte de suas primeiras elaborações sobre o tema que será retomado reiteradamente até o fim da vida ativa de Nietzsche. O seguinte trecho de 1886 poderia parecer uma inspiração tardia, uma idéia caída do céu, quando não se tem em mente sua gênese no trajeto do autor:

“Nós não denominamos como tais as modificações em nós mesmos, mas, ao contrário, como um ‘em si’ que nos é estranho, que nós apenas ‘percebemos’, e que nós não estabelecemos como acontecer, mas como ser (*Sein*), como ‘propriedade’- e inventamos para além disso uma essência (*Wesen*) à qual ela está vinculada, isto é, estabelecemos a *ação* como *agente* e o *agente* como *ente* (*Sciend*)” (F. P., 85-6, 2(84), p. 103).

Considere-se a importância que Nietzsche atribui ao processo gerador de uma idéia no interior de um pensamento filosófico: ao entender que a proposição não é, necessariamente, despertada por uma verdade que correspondesse a ela, ou seja, ao suspeitar da revelação e da descoberta como fundamentos do conhecimento, a discussão sobre a origem e o alcance da linguagem se constitui como estratégia principal. Como se sabe, a validade dos enunciados filosóficos será questionada por Nietzsche, antes de mais nada, no que se refere à linguagem que, supostamente, sustentaria sua formulação e toda a linguagem pode ter-se desenvolvido sobre idiossincrasias, é o que o seguinte trecho desse *Curso de Retórica* parece dizer: – “A terceira figura é a *Metonímia*, substituição da causa pelo efeito; quando, p. ex., o retórico diz ‘suor’ para ‘trabalho’, ‘língua’ em vez de ‘idioma’. Nós dizemos ‘a bebida é amarga’, em vez de ‘ela desperta em nós uma sensação deste tipo’; ‘a pedra é dura’, como se duro fosse algo diferente de um juízo nosso. ‘As folhas são verdes’.”

Rigorosamente, é a metonímia – e não a metáfora, conforme se entende habitualmente – a figura de linguagem capaz de nos levar à reconstituição do processo criador da “essência” das coisas, pois supomos, em consequência do seu emprego reiterado, que haja um “ser” por detrás de nossas afecções. Por meio de um costume, passamos a “ver” tal ou qual modificação como “ser”. O

trecho seguinte pode ponderar a medida em que tal idéia irá fornecer munição para o ataque nietzscheano à metafísica: “Todo conceito nasce por igualação do não igual. Assim como é certo que nunca uma folha é inteiramente igual a uma outra, é certo que o conceito de folha é formado por arbitrário abandono dessas diferenças individuais, por um esquecer-se do que é distintivo, e desperta então a representação, como se na natureza além das folhas houvesse algo, que fosse “folha”, uma espécie de folha primordial, segundo a qual todas as folhas fossem tecidas, desenhadas (...)” (*Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*, I. Trad. de Rubens Torres Filho, Abril, 1978).

Já que a crítica à linguagem se mostra devedora de escritos do período chamado “filológico”, mesmo em suas formulações mais tardias, a tradução aqui proposta foi motivada pela intenção de investigar alguns de seus traços no interior do trajeto de Nietzsche. Ao que tudo indica, a transição de uma investigação filológica para a formulação de questões propriamente filosóficas se esboça já nessas anotações*.

O trabalho de tradução se orientou pela preocupação de reproduzir a forma do texto original, mesmo quando a redação do autor é incompleta. Tratam-se de apontamentos, o que parece impedir que frases inacabadas ou eventuais ausências de concordância ou de pontuação adequadas sejam consideradas como recursos estilísticos passíveis de versão para as regras gramaticais da língua portuguesa.

Evitou-se, portanto, “corrigir” as notas de Nietzsche. Do mesmo modo foram abordadas as repetições, lacunas, e citações de outros autores. Nesse último caso, traduziu-se suas palavras e, quando a citação diferiu do texto original, isso foi observado em notas de rodapé. Quanto aos títulos das obras mencionadas, esses foram mantidos tal como aparecem no original e, no caso de textos alemães ou citados em alemão, aparecem, aqui, traduzidos. Procurou-se, dessa forma, verter o texto para a língua portuguesa com a preocupação de nada acrescentar ao original. Quanto às situações em que o estilo pode ser indicativo de opções filosóficas, já que mesmo notas de aula contêm metáforas e imagens que devem ser mantidas, a estratégia orientada pela preocupação de reproduzi-los foi a seguinte: encontrar o correspondente em português na medida em que esse procedimento mostrou-se cabível. Além disso, todos os termos cuja compreensão parece não ser unívoca estão listados no glossário.

* Devo ao professor Franklin Leopoldo e Silva o alerta para a importância do problema da transição da filologia para a filosofia em Nietzsche.

Explicação das notas

A tradução de um texto como esse exige, inevitavelmente, um número considerável de notas explicativas. A única tradução considerada foi a francesa, feita por Phillippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy(4). Diversas notas foram extraídas dessa tradução para serem aqui anexadas, pois elas contêm não somente as traduções das citações em grego e do latim, mas também esclarecimentos sobre as obras e autores mencionados ou citados por Nietzsche. Assim, o leitor encontrará três tipos de notas:

1. Notas de pé-de-página, assinaladas com asteriscos, que são do próprio Nietzsche (N.A.)

2. Notas relacionadas diretamente ao texto, que são assinaladas por numerais arábicos. Encontram-se, aí, notas escritas durante o trabalho de tradução do alemão que buscam justificar determinadas versões ou destacar a importância de um ou outro trecho (N.T.), além das traduções das línguas grega e latina feitas por Lacoue-Labarthe e Nancy (N.L.-L.).

3. Notas indicadas por numerais romanos que apresentam informações adicionais sobre obras, trechos ou autores mencionados pelo autor. Essas são, todas, de autoria de Lacoue-Labarthe e Nancy (N.L.-L.)

Por fim, gostaria de sublinhar que essa proposta de tradução contou com a imprescindível revisão do Prof. Dr. Carlos Alberto Ribeiro de Moura e com a atenta leitura do Prof. Dr. Henrique Murascho que, por sua vez, revisou as traduções citadas do grego e do latim, além de ter contribuído com diversas sugestões voltadas para o aprimoramento do texto. A ambos devo inúmeros agradecimentos. Não poderia deixar de sublinhar que o texto acabado contou, ainda, com a generosa atenção do Prof. Dr. Márcio Suzuki, cujas importantes notas foram cuidadosamente observadas na versão final. Ao Prof. Dr. Victor Knoll, agradeço o incentivo e o apoio, sem os quais não ousaria submeter à publicação o resultado do trabalho com o escrito de Nietzsche que parece ser o mais incisivo em sua obra filológica.

Glossário

<i>Abbildung</i> – sensação	<i>Leserede</i> – discurso escrito
<i>Abmahnen</i> – dissuadir	<i>Manier</i> – maneira
<i>Angemessen</i> – próprio	<i>Missverhältniss</i> – desacordo
<i>Angemessenheit</i> – propriedade	<i>Mitumfassen</i> – conotação
<i>Anschauung</i> – intuição	<i>Nachbildung</i> – reprodução
<i>Antreiben</i> – incitar	<i>Nachnahme</i> – imitação
<i>Arten von Reden</i> – formas do discurso	<i>Neologismus</i> – neologismo
<i>Aufführung</i> – apresentação	<i>Neubildungen</i> – reprodução
<i>Ausbildung</i> – preparação/aprendizado	<i>Prozessreden</i> – discurso processual
<i>Ausdruck</i> – expressão	<i>rechte (Weise)</i> – (via) legítima
<i>Ausdrücken</i> – manifestar	<i>redende Künste</i> – artes do discurso
<i>Aussprechen</i> – expressar	<i>Redenformen</i> – formas do discurso
<i>Bedeutung</i> – significação	<i>Redekunst</i> – arte do discurso
<i>Begreifen</i> – conceber	<i>Redner</i> – orador
<i>Begriff</i> – conceito	<i>Regelrecht</i> – autêntico
<i>Belehren</i> – instruir	<i>Reiz</i> – encanto, estímulo
<i>Belehrung</i> – instrução	<i>Sache</i> – coisa, causa
<i>berathend</i> – deliberativa	<i>Satz</i> – sentença
<i>berechtigt</i> – justificado	<i>Schmuck</i> – ornamento
<i>Beredsamkeit</i> – eloquência	<i>Sentenz</i> – provérbio
<i>Beurtheilung</i> – apreciação	<i>Sprachkünstler</i> – artistas da linguagem
<i>Bild</i> – imagem	<i>Sprechende</i> – palestrantes
<i>Bildung</i> – formação	<i>Stilgefühl</i> – sentimento de estilo
<i>Charakteristische</i> – característico	<i>täuschen</i> – iludir
<i>Darstellung</i> – exposição	<i>Täuschung</i> – ilusão
<i>Dasein</i> – existência	<i>Tonbild</i> – imagem sonora
<i>Definition</i> – definição	<i>Überreden</i> – persuadir
<i>Dichtkunst</i> – arte poética	<i>Überredung</i> – persuasão
<i>Eigentlich</i> – próprio	<i>Überzeugen</i> – convencer
<i>Einbildungskraft</i> – imaginação	<i>Übertragung</i> – transposição
<i>Entstehen</i> – originar	<i>Umbildung</i> – recomposição
<i>Erscheinung</i> – aparição, manifestação, apresentação	<i>Umschreiben</i> – parafrasear
<i>Fähigkeit</i> – capacidade	<i>ungebundene Rede</i> – prosa
<i>Figuren</i> – figuras	<i>unpassend</i> – inoportuno
<i>Gebildet</i> – instruído	<i>Vermögen</i> – faculdade
<i>Gegensatz</i> – oposição	<i>Vertauschung</i> – permuta
<i>Gelegenheitsreden</i> – discursos de circunstância	<i>Vorbildung</i> – preparação
<i>Gemüth</i> – ânimo	<i>Vorgang</i> – processo
<i>Gerichtsrede</i> – discurso judiciário	<i>Vorstellung</i> – representação
<i>Geschicklichkeit</i> – habilidade	<i>Vortrag</i> – exposição
<i>Gleichniss</i> – comparação	<i>Wahrnehmung</i> – percepção
<i>Idealbild</i> – imagem ideal	<i>Wahrscheinlich</i> – verossímil
<i>Individuum</i> – indivíduo	<i>Werden</i> – vir a ser,
<i>innenwohnend</i> – inerente	<i>Wesen</i> – ser (em casos específicos, essência)
<i>Kunstgriff</i> – artifício	<i>Wettkampf</i> – disputa
<i>künstlerisch</i> – artístico	<i>Widerspiel</i> – antagonismo
<i>Künstlichkeit</i> – artificialidade	<i>Wirklich</i> – verdadeiro
<i>Kunstmittel</i> – artifício	<i>Wirkung</i> – efeito
<i>Lautäußerung</i> – expressão sonora	<i>Zweck</i> – fim

Curso de Retórica⁽¹⁾

F. Nietzsche

§1. Conceito de retórica

O extraordinário desenvolvimento desta corresponde a uma das diferenças específicas entre os antigos e os modernos: nos tempos recentes, esta arte é tratada com desprezo* generalizado e, quando ela é utilizada, o seu melhor emprego por nossos modernos se reduz ao diletantismo e ao empirismo grosseiro. Em geral, o sentimento para o *verdadeiro* em si está muito mais desenvolvido, enquanto a retórica emerge de um povo que vive ainda em meio a imagens míticas e que ainda não conhece a absoluta necessidade da fidelidade histórica: ele prefere ser persuadido a ser instruído e, além disso, a *necessidade* do homem quanto à eloquência jurídica tem de desembocar na arte liberal⁽²⁾. Esta é, assim, uma arte essencialmente *republicana*: há que se habituar a suportar opiniões e pontos de vista e, igualmente, a sentir um certo prazer no antagonismo; deve-se gostar de escutar do mesmo modo que de falar; como ouvinte, deve-se poder apreciar, em alguma medida, a arte empregada. A formação do homem antigo habitualmente culmina na retórica: é a mais alta atividade espiritual do homem político instruído – um pensamento muito estranho para nós! Kant diz com mais clareza, Crítica da Faculdade de Julgar, p. 203: “As artes do discurso são a eloquência e a poética. A eloquência é a arte de exercer um ofício do entendimento como um livre jogo da imaginação e a poesia a arte de executar um livre jogo da imaginação como um ofício do entendimento. Assim, o orador

* A antipatia mais vigorosa é manifestada por Locke (*Ensaio sobre o entendimento humano*, III 10, 34): “– nós precisamos admitir que toda arte do discurso (*Redekunst*), todo emprego artístico ou figurado das palavras encontrado pela eloquência, não servem para nada além de provocar representações incertas, suscitar paixões e, através disso, desorientar (*missleiten*) o juízo, sendo assim, de fato, uma completa fraude.” N.A.

anuncia um ofício e o executa como se fosse apenas um jogo de idéias, para entreter os ouvintes. O poeta anuncia apenas um jogo de entretenimento com idéias e expressa mais no que se refere ao entendimento do que se ele apenas tivesse a intenção de realizar o ofício desse⁽³⁾. Com isso, é caracterizada a especificidade da vida grega: todo ofício característico do entendimento, da seriedade da vida, da necessidade e mesmo do perigo são, ainda, concebidos como jogo. Por longo tempo, os romanos são naturalistas em retórica, relativamente [aos gregos]⁽⁴⁾ áridos e rudes. Mas, a dignidade aristocrática dos estadistas romanos e sua diversificada prática jurídica dão o tom: habitualmente, seus maiores oradores eram poderosos *dirigentes* partidários, enquanto os oradores gregos falavam a serviço dos partidos. A consciência da dignidade individual é romana, não grega. Sobre sua concepção de retórica cabe bem o que diz Schopenhauer W. a W. u. V. II 129: “Eloquência é a capacidade de suscitar nos outros nosso ponto de vista ou nossa maneira de pensar a respeito de uma coisa, incutir neles nosso sentimento sobre ela e assim colocá-los em simpatia conosco: mas, isso desde que conduzamos a corrente de nossos pensamentos para a sua mente através das palavras, com tal domínio que os seus próprios renunciem ao trajeto que antes percorriam e sejam arrastados pelo fluxo. A obra prima será tanto maior quanto mais diferenciados dos nossos estivesse antes o curso de seus pensamentos⁽⁵⁾. Aqui é acentuado o peso dominante da personalidade individual no sentido romano, e em Kant é acentuado o livre jogo do ofício do entendimento, no sentido dos gregos⁽⁶⁾.”

Mas, no geral, todos os modernos são imprecisos em suas definições, enquanto em toda a antiguidade rivalizava-se pela definição correta de retórica, sobretudo entre os filósofos e oradores. Todos cronologicamente listados por Spengel, Rh. Mus. 18 p.481⁽¹⁾. Depois por Rich. Volkmann, Berlim 1872^(II). Os que esquivavam-se da dificuldade da definição, procuravam ao menos determinar o *téλος*, o *officium*⁽⁷⁾ do orador. Respeitante a isso é o *πείθειν*, dizendo persuadere⁽⁸⁾, que era difícil incluir no *ὀρισμός*⁽⁹⁾, pois o efeito não é a essência da coisa: e, além disso, a persuasão falta nos melhores discursos. Os sicilianos Córax e Tísias^(III) dizem *ῥητορικὴ ἐστὶ πειθοῦς δημιουργός*⁽¹⁰⁾: entre os dóricos a palavra *δημιουργός* tem um significado mais elevado do que entre os jônicos, significando “criadora” e “dominadora”, e desta forma são denominadas as mais elevadas autoridades nos Estados dóricos (*λά* [na Jônia] apenas “profissional”). Do mesmo modo Górgias^(IV) e Isócrates^(V) a transcrevem prosaicamente como *πειθοῦς ἐπιστήμη*⁽¹¹⁾.

Platão tem um grande ódio dela: ele a designa como uma habilidade *ἐμπειρία χάριτος τινος καὶ ἡδονῆς ἀπεργασίας*⁽¹²⁾ e a classifica juntamente à arte da culinária *ὄσποικητή*, a arte da toalete é *κομμωτική* e a sofística da *κολακεία*⁽¹³⁾ (Górgias p.463). De outro lado, há também sinais de uma outra concepção de retórica. Rud. Hirzel, “Sobre o Retórico e seu Significado em Platão⁽¹⁴⁾ (VI), Leipzig 1871. Em Fedro p.239 e ss.^(VII). é exigido que o orador deva, com a ajuda da dialética, adquirir claros conceitos sobre todas as coisas, e com isso estar em situação de expô-los sempre oportunamente. Ele deve se colocar na posse da verdade para também dominar o verossímil e assim poder iludir seus ouvintes. Exige-se, pois, que ele entenda de suscitar as paixões de seus ouvintes para, através disso, dominá-los. Para isso, ele precisa ter conhecimento suficiente da alma humana e conhecer o efeito de todas as formas do discurso sobre o ânimo humano. A formação de uma verdadeira *arte* do discurso pressupõe também uma preparação muito profunda e abrangente, mas em nada muda o pressuposto de que a tarefa do orador seja a de persuadir seus ouvintes com a ajuda do verossímil. Certamente, esclarece Sócrates 273E, quem uma vez dominou esse ponto alto do saber não se contentaria com uma tarefa mais baixa: a meta mais elevada é, pois, “dividir com outro o saber alcançado^(VIII). O sábio pode também ser tanto *ῥητορικός* quanto *διδασκτικός*⁽¹⁵⁾. Do fato de que a segunda seja uma meta muito mais elevada não resulta que se deva excluir todo o emprego da retórica, mas apenas como profissão séria! No Político 304D ele recusa a *διδασχὴ* à retórica e destina a ela a tarefa de persuadir *πλήθος* e *ὄχλον διὰ μυθολογίας*⁽¹⁶⁾. Assim, Platão descreve o verdadeiro filósofo, Sócrates, ora como instrutor científico, ora como retórico popular. O elemento *mítico* dos Diálogos é o retórico: o mito tem o verossímil como conteúdo: assim, o fim não é instruir, mas suscitar uma *δόξα*⁽¹⁷⁾ nos ouvintes, assim como o *πείθειν*. Os mitos pertencem à *παγκάλη παιδεία*⁽¹⁸⁾ (IX): as composições retóricas, bem como as literárias, são produzidas apenas para divertir. A verdade não se deixa expressar pela forma literária e nem pela forma retórica. O mítico e o retórico são empregados quando a escassez do tempo não admite nenhuma instrução científica. O apelo a testemunhos é um artifício retórico; da mesma maneira, os mitos platônicos são introduzidos através de apelo a testemunhos. Muito notável Republ. 376E^(X): aqui ele diferencia duas formas do discurso: a que contém a verdade e a que mente. À última pertencem os *mitos*. Ele os toma por justificados e censura Homero e Hesíodo não por que estes tivessem mentido, mas porque eles não o fizeram pela via correta. Da mesma

maneira, ele expressa suficientemente em 389B que a mentira pode ser útil em algumas situações humanas e que os governantes devem estar autorizados a se servir dela para a satisfação de seus concidadãos. Assim, ele introduz em III 414B um perfeito mito para firmar uma determinada opinião na alma de seus cidadãos e não teve pejo [de utilizar] para esse fim, como um meio do discurso, a mentira. – A polêmica de Platão contra a retórica dirige-se ora contra os fins ruins da retórica popular, ora contra a totalidade da preparação grosseira, insuficiente e não filosófica dos oradores. Ele permite que ela tenha algum valor quando repousa sobre a formação filosófica e visa bons fins, i. é., fins da filosofia.

Nós temos apenas duas obras antigas sobre retórica, sendo todas as outras mais de um milênio posteriores. Uma, a *Rhetorica ad Alexandrum*, não tem nada a ver com Aristóteles, sendo bem mais próxima da obra de Anaxímenes^(XI); cf. Spengel, *Philolog.* 18, p.604. Ela é exclusivamente destinada ao uso prático, totalmente não filosófica, e segue essencialmente a doutrina de Isócrates. Nenhuma definição da retórica, nenhuma vez a palavra *ῥητορικὴ*.

A *Retórica* de Aristóteles é exclusivamente filosófica⁽¹⁹⁾ e influencia muito todas as determinações posteriores do conceito. *ῥητορικὴ δύναμις περὶ ἕκαστον τοῦ θεωρησῆσαι τὸ ἐνδεχόμενον πιθανόν*⁽²⁰⁾ “todo verossímil e persuasivo possíveis” (Aristot. *rhet.*I 2)^(XII). Não é *ἐπιστήμη* e nem *τέχνη*⁽²¹⁾, mas sim *δύναμις*⁽²²⁾ que poderia elevar-se a *τέχνη*. Não a *πέθειν*, mas àquilo que se poderia alegar por uma causa: tal como um médico, que trata um incurável, também o orador poderia defender uma causa precária. Todas as definições posteriores se mantêm nesse *κατὰ τὸ ἐνδεχόμενον πέθειν*⁽²³⁾ (contra a definição siciliana). Muito importante o universal *περὶ ἕκαστον*⁽²⁴⁾ aplicável a todas as disciplinas. Uma arte puramente formal. Finalmente, importante o *θεωρησῆσαι*⁽²⁵⁾: sobre isso, censurou-se o fato de ele ter apenas admitido a *ἰνventio* e não as *elocutio*, *dispositio*, *memoria*, *pronuntiatio*. Aristóteles, provavelmente, não quer que a declamação⁽²⁶⁾ do discurso seja considerada como essencial, mas sim como *accidens*: pois ele pensa na retórica dos livros (tal como ele também pensa ser o efeito do drama independente do recitar⁽²⁷⁾) e, dessa forma, não inclui [na definição] a apresentação⁽²⁸⁾ física no palco. É suficiente reconhecer *τὸ ἐνδεχόμενον πιθανόν* para ver que o que é assim identificado de alguma maneira *já repousa no πιθανόν*: ao menos, mesmo cada *artificio* da *pronuntiatio* constitui-se como dependente desse *πιθανόν*. Justamente apenas o *λέγειν*⁽²⁹⁾ não é necessário.

Logo seguem-se séculos de acirradas disputas entre escolas retóricas e filosóficas. Os estóicos a caracterizam Laert. D. VII, 42 *τὴν τε ῥητορικὴν ἐπιστήμην οὖσαν τοῦ εἰ λέγειν περὶ τῶν ἐν διεξόδῳ λόγων καὶ τὴν διαλεκτικὴν τοῦ ὀρθῶς διαλέγεσθαι περὶ τῶν ἐν ἐρωτήσῃ καὶ ἀποκρίσει λόγων*⁽³⁰⁾. Importante esse parentesco entre a retórica e a dialética: semelhante a uma extensa erística, apesar de esse conceito ser bem estreito. Arist. Tópicos I,12 diz que se trata de uma coisa filosoficamente segundo a verdade, e dialeticamente segundo a aparência⁽³¹⁾, a aprovação, a opinião, a *δόξα* dos outros. O mesmo se pode dizer da retórica. Ambas compreendidas sob este conceito: *a arte de fixar a certeza pelo discurso e pela persuasão*: *εἰ λέγειν*⁽³²⁾! Pode-se objetar contra a definição aristotélica que a dialética aparece como subclasse da retórica.

Procura-se, então, encontrar uma definição em que possam ser reconhecidas as partes da eloquência, pois se repreendia Aristóteles por assinalar apenas a *inventio*. *Inventio* e *elocutio* são elencados por Quint. 2,15, 37^(XIII) como os fatores mais importantes: *qui recte sentire et dicere rhetorices putaverunt (ὀρθῶς γινῶναι καὶ ἐρμηνεύσαι)*⁽³³⁾. A *dispositio* (*τάξις*) acrescentada por Rufus^(XIV): *ἐπιστήμη τοῦ καλῶς καὶ πειστικῶς διαθέσθαι τὸν λόγον*⁽³⁴⁾. Teodoro de Gadara em Quint. 2, 15, 21^(XV) tem quatro partes: *ars inventrix et iudicatrix et nuntiatrix decente ornatu* (no grego *τέχνη εὐρετικὴ καὶ κριτικὴ καὶ ἐρμηνευτικὴ μετὰ πρέποντος κόσμου*)⁽³⁵⁾. Finalmente todos os cinco Quint. 5, 10, 54: *id aut universum verbis complectimur ut rhetorice est bene dicendi scientia, aut per partes ut rhetorice est recte inveniendi et disponendi et eloquendi cum firma memoria et cum dignitate actionis scientia*⁽³⁶⁾. Vê-se como o *εἰ λέγειν* dos estóicos é continuamente circunscrito. Assim, então, no lugar do aristotélico *περὶ ἕκαστον*, ao que parece, através da alta influência de Hermágoras^(XVI) (que viveu pouco tempo antes de Cícero), é proposto *ἐν πολιτικῷ πράγματι*⁽³⁷⁾, para descartar as investigações filosóficas, assim como as investigações particulares especializadas. Os conceitos inerentes a todos os homens, o que é bom, direito e belo, conceitos que não necessitam de uma doutrina particular são entendidos por: *κοινὰ ἔννοιαι*⁽³⁸⁾, em oposição a um estudo ou atividade especializada. O Protágoras platônico elucida o que se entende sob o *ἀρετὴ πολιτικὴ*⁽³⁹⁾ de um homem.

A partir dos dois manuais gregos de Anaxímenes e de Aristóteles seguem-se adaptações da retórica: *auctor ad Herennium*^(XVII) e os escritos de Cícero. Cornificius é hoje considerado o primeiro: nos fatos de [que ele trata], alude à época de Silas [...]. *de inventione* de Cícero (II Livros) um trabalho de juventude

de inteiramente segundo a fonte grega: o *Auctor ad Herennium* é muito utilizado por ele, mas no geral Cícero faz tudo pior que esse. Ele tomava por muito importantes segundo a forma e o conteúdo os livros escritos em idade mais tardia (698). *de oratore*: os personagens centrais, Crassus e Antonius, expressam apenas a convicção do autor. Ele brada contra os livros doutrinários habitualmente triviais (compreendido aí p. ex. o auctor ad H.). No Personagem de Antonius ensina-nos como ele elabora tecnicamente seus discursos; no de Crassus esboça a imagem mais elevada do orador filosófico (algo como a imagem ideal de Platão). Mas ele nunca concebeu a oposição entre o verdadeiro filósofo e o orador. Confrontado com Aristóteles, seu livro é grosseiro e improficuo. – O *Brutus* é uma inestimável συναγωγή ῥωμαίων ῥητόρων⁽⁴⁰⁾, caracterização dos célebres oradores romanos. O *Orator* trata apenas de uma parte da retórica: C⁽⁴¹⁾. encontra o perfectus orator na elocutio. A *tópica*, um escrito de circunstância para Trabatius, excede, entretanto, sua meta de ser apenas um tópico⁽⁴²⁾. (XVIII)

[Seguem-se referências literárias]⁽⁴³⁾

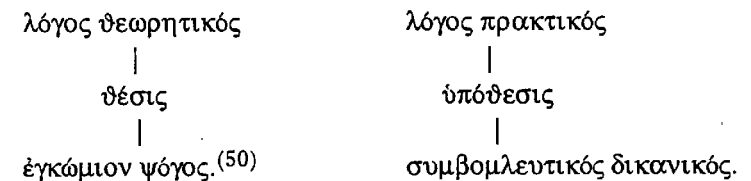
§2. Divisão da retórica e da eloquência

As mais antigas τέχναι^(XIX), antes de Isócrates, continham apenas instrução para a composição do discurso processual. Essa limitação à eloquência jurídica é censurada por Isócrates em orat. XIII 19^(XX) e ele acrescenta a eloquência deliberativa. Anaxímenes só conhecia essas duas espécies. Aristóteles acrescenta o genus demonstrativum ἐπιδεικτικόν⁽⁴⁴⁾ ao deliberativum e ao iudiciale. Segundo a *matéria*, a eloquência se decompõe assim em três genera causarum: genus δικονικόν⁽⁴⁵⁾ συμβουλευτικόν⁽⁴⁶⁾ ἐπιδεικτικόν (chamado também de πνηγυρικόν e de ἐγκωμιαστικόν). O jurídico quer acusar ou defender; o deliberativo quer incitar a algo ou dissuadir de algo; ao epidíctico cabe elogiar ou censurar.

Grande luta contra isso: ao surgirem os Suasórios e os Controversos^(XXI), houve duas formas da eloquência. De fato γένος πραγματικόν in negotiis e γένος ἐπιδεικτικόν in ostentatione positum⁽⁴⁷⁾. Para ambos, quatro subformas εἶδος δικονικόν (controvérsias reais ou fingidas), γένος συμβουλευτικόν Suasórias reais nas assembléias ou deliberadas sustentadas diante do povo ou imitadas, discurso de elogio e dissuasão, γένος ἐγκωμιαστικόν (com ao invectivae) e γένος ἐντευκτικόν⁽⁴⁸⁾ discursos de circunstância, notadamente discursos de saudação

e de despedida. Outros colocam como quarto gênero o ιστορικόν: muito popular a escrita histórica retórica, tal como é evidenciada através da escola de Isócrates, notadamente por Teopompo. Prossequindo por esta via se contam umas 30 espécies (divisão do conjunto da prosa de composição artística).

Os filósofos dividiram em θέσις e ὑπόθεσις⁽⁴⁹⁾. A primeira considera a coisa em si e em geral, a última como ela se manifesta em uma dada situação. Determinar o geral é coisa da filosofia, o específico cabe à retórica. Os três gêneros foram subordinados pelos filósofos a ὑπόθεσις. Apenas os estóicos submeteram o demonstrativum ao θέσις, o que é muito estranho à prática comum e o que causou grande incômodo. Os estóicos dividem^(XXIII):



Estes são os gêneros de discursos. Em todas essas espécies o orador tem a mostrar uma atividade passível de cinco divisões: 1. *Invenção* inventio εὑρεσις, 2. *Disposição* dispositio τάξις, 3. *Expressão* elocutio λέξις, 4. *Memória* memoria μνήμη, 5. *Exposição* pronuntiatio ou actio ὑπόκρισις⁽⁵¹⁾. Em geral, essa verdade foi reconhecida apenas gradualmente: em todo caso apenas segundo Aristóteles e Anaxímenes. Neles falta ὑπόκρισις e μνήμη (em Aristóteles conseqüentemente, pois ele reconhece o discurso escrito como tipo). Mas, para ambos, a divisão *estóica* era para ser ultrapassada νόησις εὑρεσις διάθεσις intellectio inventio dispositio; etenim causa proposita primum intellegere debemus, cuius modi causa sit, deinde invenire, quae apta sint caussae, tum inventa recte et cum ratione disponere⁽⁵²⁾ (XXIV). Disputas sobre se isso é ἔργα τοῦ ῥήτορος ou ἔργα τῆς ῥητορικῆς⁽⁵³⁾. Quint. 3, 3 II. Νόησις é explicado: intellegendum primo loco est, thesis sit an hypothesis; cum hypothesis esse intellexerimus i. e. controversiam, intellegendum erit an consistant; tum ex qua specie sit; deinde ex quo modo; deinde cuius status; postremo cuius figurae⁽⁵⁴⁾. À εὑρεσις pertence a ἐνθύμημα παράδειγμα⁽⁵⁵⁾. À διάθεσις pertence τάξις e οἰκονομία⁽⁵⁶⁾. – Mas a divisão mais antiga parece ser a divisão em duas partes, p. ex. em Isócrates: a descoberta ou a transformação através de entimema da matéria dada e a exposição⁽⁵⁷⁾ de suas próprias ἐνθύμηματα^(XXV). Assim, a inventio e a

elocutio. Dionísio de Halicarnasso, que freqüentemente se apoia em Isócrates, sustenta a dupla divisão: λέξις e πράξις⁽⁵⁸⁾, forma e (mais freqüentemente dado) conteúdo. Em sua apreciação dos autores ele diferencia o πραγματικός χαρακτήρ do λεκτικός e fala do πραγματικαί e do λεκτικαί ἀρεταί. O πραγματικός τύπος se compõe de παρασκευή⁽⁵⁹⁾ (como εὔρεσις) e οικονομία (como χρήρις τῶν παρεσκευασμένων)⁽⁶⁰⁾; o λεκτικός τύπος se compõe de ἐκλογή τῶν ὀνομάτων e σύνθεσις τῶν ἐκλεγέντων⁽⁶¹⁾. As *segundas* divisões tratam assim de ordenação (οἰκονομία) e composição (σύνθεσις) do discurso e são as mais importantes^(XXVI).

Chega-se a ter o domínio sobre as cinco partes do discurso através da φύσις disposições naturais, através da τέχνη, instrução teórica, ἄσκησις ou μελέτη⁽⁶²⁾, exercício. Essa tríade foi estabelecida primeiro por Protágoras^(XXVII). No início, associada ao pro Anchia poeta: Si quid est in me ingenii, indices, quod sentio quam sit exiguum, aut si qua exercitatio dicendi, in qua me non infitior mediocriter esse versatum, aut si huiusce rei ratio aliqua ab optimarum artium studiis ac disciplina profecta, a qua ego nullum confiteor aetatis meae tempus abhorruisse⁽⁶³⁾ etc.

§3. Relação da retórica com a linguagem

Chamamos “retórico” a um autor, a um livro, a um estilo quando se percebe neles um emprego consciente de artifícios do discurso, e isso sempre com uma leve censura. Nós pensamos que isso não é *natural* e produz a impressão de ser intencional. Ora, depende muito do gosto daquele que julga e do que, precisamente, para ele é “natural”. Geralmente nos parece que somos grosseiramente empíricos quanto à língua, e que toda literatura antiga é artística e retórica, incluindo a romana. Também reside aí o fundamento da idéia de que mesmo a prosa da antiguidade seja uma ressonância do discurso oral, de cujas regras ela se forma: enquanto cada vez mais nossa prosa deva ser explicada a partir do *escrever*, nossa estilística se dá a perceber através do *ler*. Mas, o leitor e o ouvinte querem uma forma de exposição muito diferente e, dessa maneira, a literatura antiga nos soa “retórica”, isso é, dirige-se primeiro ao ouvido para seduzi-lo. Extraordinária preparação dos sentidos rítmicos nos gregos e romanos por um enorme e contínuo exercício de audição do falado. – Isso se parece com

a poesia – nós conhecemos os poetas literários e, os gregos, a verdadeira poesia sem a mediação dos livros. Nós somos muito mais descoloridos e abstratos.

Mas não é difícil provar que aquilo que se chama “retórico” como um meio de uma arte consciente, já estava de atuando, na linguagem e em seu vir a ser⁽⁶⁴⁾, como meio de uma arte inconsciente e que, sob a clara luz do entendimento, a *Retórica é o aperfeiçoamento de artifícios que repousam na linguagem*. Não há nenhuma “naturalidade” não retórica da linguagem à qual se pudesse apelar: a própria linguagem é o resultado das meras artes retóricas. A força⁽⁶⁵⁾ de descobrir e fazer valer o que em cada coisa é eficiente e impressiona, que Aristóteles chama Retórica, é também a essência da linguagem: esta repousa tão pouco no verdadeiro, na essência das coisas quanto a retórica; ela não quer instruir mas sim, transmitir ao outro uma excitação e uma impressão subjetivas. O formador da linguagem não concebe coisas ou eventos, mas *estímulos*: ele não devolve sensações mas apenas imagens delas. A sensação que é suscitada por um estímulo nervoso não contém⁽⁶⁶⁾ a própria coisa: essa sensação é exposta exteriormente através de uma imagem: cabe, sobretudo, perguntar como um ato de alma pode ser exposto através de uma imagem sonora? Não seria necessário, quando deve ter lugar uma perfeita e completa reprodução, antes de tudo, que o próprio material de que deve se constituir a reprodução seja o mesmo com que trabalha a alma? Pois sendo um estranho – o som – como poderia surgir aqui algo mais exato do que uma *imagem*? Não são as coisas que residem na consciência, mas a maneira por que nós nos relacionamos com elas, o πιθανόν. A essência completa das coisas nunca é apreendida. Nossas exteriorizações sonoras não esperam de forma alguma que nossa percepção e nossa experiência nos provenham de um conhecimento multifacetado, de alguma maneira, respeitável, das coisas: elas sucedem imediatamente, quando um estímulo é produzido. No lugar das coisas, apreende apenas *marcas*. Esse é o *primeiro* ponto de vista: *a linguagem é retórica*, pois quer transmitir apenas uma δόξα e não uma ἐπιστήμη.

Os *tropos*, designações impróprias, são os artifícios mais importantes da retórica. Mas, em si e desde o início todas as palavras, em relação ao seu significado são tropos. Em vez do verdadeiro processo, elas expõem uma imagem sonora que se perde no tempo: a linguagem nunca expressa algo perfeitamente, mas apenas acentua marcas que se destacam para ela. Quando o retórico diz “velas” em vez de “barco”, “ondas” em vez de “mar”, é introduzida a *sinédoque*, uma “conotação”; mas, ocorre o mesmo quando se chama a cobra de δράκων,

propriamente, “que tem o olhar brilhante”, ou serpens, o que é rasteiro; mas por que o caracol também não se chama serpens? Uma percepção unilateral substitui a intuição completa. Os latinos designam a cobra como constrictor, anguis⁽⁶⁷⁾; os hebreus a chamam a que assobia, a que se torce, a que se enrola ou a rasteira. – A segunda forma de tropo é a *metáfora*. Ela não cria palavras novas, mas muda significados. P. ex., sobre uma montanha fala de cabeça, pé, costas, garganta, flanco, veias; πρόσωπον rosto, com νεώς⁽⁶⁸⁾ a proa, χείλη lábios, com ποταμῶν⁽⁶⁹⁾ beira-rio, γλῶσσα língua e também bordadura da flauta, μαστός seio e também colina. A metáfora mostra-se na designação do gênero, o genus no sentido gramatical é um luxo da linguagem e pura metáfora. É, assim, a transposição de lugar e tempo, “em casa”, “todo o ano”⁽⁷⁰⁾, a transposição de tempo e causalidade, qua ex re, hinc inde, ὅθεν, εἰς τί⁽⁷¹⁾. – Uma terceira figura é a *metonímia*, substituição da causa pelo efeito; quando, p. ex., o retórico diz “suor” para “trabalho”, “língua” em vez de “idioma”. Nós dizemos “a bebida é amarga”, em vez de “ela desperta em nós uma sensação deste tipo”; “a pedra é dura”, como se duro fosse algo diferente de um juízo nosso. “As folhas são verdes”. Da metonímia provém também o parentesco entre λεύσσω e lux luceo⁽⁷²⁾, color (coberta) e celare⁽⁷³⁾. μὴν mensis mândōt⁽⁷⁴⁾ é o “medido”, denominado a partir de um efeito⁽⁷⁵⁾ (XVIII). – In summa: os tropos não se interpõem às palavras de quando em quando, mas são sua própria natureza. Absolutamente, não se pode falar de uma “significação própria”, que apenas em casos especiais seria transposta.

Entre as próprias palavras e os tropos há tão pouca diferença quanto entre o *discurso* autêntico e as ditas *figuras retóricas*. Tudo o que habitualmente se chama de discurso é propriamente figuração. A linguagem é criada pelo próprio artista da linguagem, mas fixada pelo que é eleito pelo gosto de muitos. Uns poucos ditam σχήματα⁽⁷⁶⁾ sua virtus para muitos. Se eles não acabam por se impor, qualquer um se volta contra o usus e fala de barbarismos e de solecismos. Uma figura que não encontra quem a compre torna-se erro. O que é considerado erro, quando retomado por algum usus torna-se figura. A alegria da *assonância* vale também no ῥήτορες, τὰ ἴσα σχήματα⁽⁷⁷⁾, a pensar na παρισώσεις⁽⁷⁸⁾ do Górgias^(XIX). Mas, no que se refere à medida, há uma grande disputa: um fica encantado com aquilo que outro acha um erro reprovável. Lutero reprova, por serem novas, as palavras enfrentar e vantajoso. Elas são impostas, tal como “intrépido” segundo Simon Dach, “sentimental”, segundo a tradução da Viagem Sentimental de Yorik 1768. “Inspeção” como tradução de

circumspectio de 1794; paixão para πάθος, segundo Ch. Wolf, pela primeira vez^(XXX). Mas as formas de enálage, hipálage, pleonasma de fato já estão atuantes no vir a ser da língua, da sentença. A totalidade da gramática é produto da assim chamada figurae sermonis⁽⁷⁹⁾.

§4. Pureza, clareza e propriedade da *elocutio*

Apenas se fala em “pureza” em um povo cujo sentido da linguagem é muito desenvolvido e que se tenha fixado sobretudo em uma grande sociedade, entre ilustres e instruídos. Aqui se diferencia o que vale como provinciano, como dialeto, e o que vale como normal, i. é, “pureza” é positivamente o que foi sancionado através do seu emprego pelos instruídos na comunidade; “impuro” é tudo o que nela se sobressai. Assim, o *que não se sobressai*⁽⁸⁰⁾ é o puro. Não há, em si, discurso puro nem impuro. Muito importante o problema de como se constrói gradualmente o sentimento de pureza e de como uma comunidade instruída *elege* até circunscrever a totalidade do seu domínio. Evidentemente, ela procede aqui segundo regras e analogias inconscientes. Uma unidade, uma expressão una é alcançada: tal como a um povo corresponde suficientemente um dialeto, a uma sociedade corresponde um estilo sancionado como “puro”. – Em períodos de crescimento da língua não se fala em “pureza”, mas apenas em uma linguagem acabada. Barbarismos freqüentemente repetidos transformam, por fim, a linguagem. Assim, se formou a κοινική γλῶσσα, mais tarde o bizantino ῥωμαϊκή γλῶσσα⁽⁸¹⁾, finalmente todo neogrego inteiramente barbarizado. Quantos barbarismos trabalharam a partir daí para construir as línguas romanas. E através desses barbarismos e solecismos chega-se ao bom, muito regular francês!⁽⁸²⁾

O καθαρὸν τῆς λέξεως⁽⁸³⁾ exigência geral: não apenas a correção gramatical, mas também a eleição certa das palavras. Arist. Rhet. III 5 diz: ἀρχὴ τῆς λέξεως τὸ ἐλληνίζειν⁽⁸⁴⁾. Os oradores tardios andam no puro aticismo até o maneirismo. Em Cornific. IV 12,17 da mesma maneira é acentuada a latinitas – que livra o discurso de solecismos, de erros gramaticais e de barbarismos, de faltas contra a morfologia (a palavra [é oriunda] da colônia ateniense de Σόλοι, na Sicília, [em que] o grego [é] particularmente ruim Estrabão^(XXXI), XIV p.663. Os barbarismos são os seguintes: 1. πρόθεσις: p. ex. Σωκράτην para Σωκράτη, reliquiae como “adiectio litterae”⁽⁸⁵⁾; 2. ἀφαίρεσις: Ἐρμῆ em vez de

Ἐρμῆν, pretor para praetor como “detractio litterae”⁽⁸⁶⁾; 3. ἐναλλαγή: p. ex. ἡδυνάμην para ἐδυνάμην como immutatio litterae, si litteram aliam pro alia pronuntiemus ut arvenire pro advenire⁽⁸⁷⁾; 4. μετάθεσις: δρίφον para δίφρον, transmutatio litterae Evandre em vez de Evander⁽⁸⁸⁾; 5. συναλοιφή⁽⁸⁹⁾: ὁ θάτερος em vez de ὁ ἕτερος em Menandro, pois a crase θάτερον somente pode ocorrer no neutro; 6. διαίρεσις⁽⁹⁰⁾: p. ex. Δημοσθένεια em vez de Δημοσθένη; 7. κατὰ τόνον⁽⁹¹⁾: p. ex. βουλῶμαι para βούλομαι; 8. κατὰ χρόνους⁽⁹²⁾: p. ex. steteruntque comae; 9. κατὰ πνεῦμα: p. ex. αὔριον em vez de αὔριον, omo para homo, chorona para corona⁽⁹³⁾; A seguir, a segunda espécie: solecismos*⁽⁹⁴⁾; a terceira espécie, a ἀκυρολογία, faltas contra a sinonímica. A diferença nos reenvia aos Estóicos.

A ἀκυρολογία é o principal pecado contra a *clareza*, por descurar da proprietates das palavras. Por proprietates, no sentido retórico da expressão, entender-se-á que uma coisa é descrita da forma mais completa, quo nihil inveniri potest significantius⁽⁹⁵⁾. Especialmente Lísias foi célebre por ter constantemente expressado seus pensamentos através de κύρια τε καὶ κοινὰ καὶ ἐν μέσῳ κείμενα ὀνόματα⁽⁹⁶⁾ (XXXII) e, mesmo evitando os tropos, ter mostrado ornamento, plenitude e dignidade em seu objeto. A obscuridade origina-se pelo emprego de palavras e expressões antigas**, também de termini technici remotos, através de uma extensão intrincada, da ordem cruzada das palavras, da interpolação e dos parênteses, ἀμφιβολίαι, a ἀδιανόητα⁽⁹⁷⁾ (em que repousam sentidos muito diferentes sob palavras claras). O orador não precisa se preocupar em fazer com que se possa compreendê-lo, mas sim em fazer com que se *deva* compreendê-lo.

* Os exemplos de Nietzsche, dado que ilustram um erro ou uma falha no uso do alemão, não passíveis de tradução para a língua portuguesa. “Solecismos em *Lessing* Bd. 20, p. 182: “Selen Sie, wer Sie wollen, wenn Sie nur nicht der sind, der ich nicht will, dass sein sollen”, ul nolo ut sis Bd. 8 p. 3: “Die Gelehrten in der Schweiz schickten einen Band alter Fabein voraus, die sie ungefähr aus den nämlichen Jahren zu sein urtheilen”, quas ilsdem annis ortas esse iudicabant. Schiller, Wallenstein: “gefolgt von einer Heeresmacht”, “gerorcht zu sein, wie er, konnte kein Feldherr sich rühmen”. N.A.

** Sendo “arcaísmo” a figura de linguagem que designa a construção arcaica, os exemplos de Nietzsche não poderão, novamente, encontrar tradução satisfatória em português. “Frequentemente, é difícil de dizer o que é o arcaísmo; a aristocracia reprova, enquanto arcaísmo, por exemplo, *heischen, entsprechen. Obhut, bieder, Fehde, Helmat, stattlich, Justwandeln, befahren, Rund, Schlacht, Irrsal, als unzulässige Neologismen “sich etwas vergegenwärtigen”, liebevoll, entgegenen, Gemeinplatz, beabsichtigen, weinerlich*. N.A.

Schopenhauer Parerga II [§291] 436f. [553R.]: “Obscuridade e falta de clareza são um sinal muito mau todas as vezes e em toda parte. Pois, em 99 para 100 casos elas derivam da falta de clareza do pensamento que por sua vez, provém, ela mesma, quase sempre de uma desarmonia original, de uma inconsistência e também de uma inexatidão deste”. – “Os que compõem discursos difíceis, obscuros, imbricados, ambíguos, não sabem com certeza o que querem dizer, mas têm apenas uma consciência abafada, relutante em direção a um pensamento: frequentemente, eles também querem dissimular de si próprios e dos outros que nada têm a dizer”. – “Da mesma forma que cada excesso geralmente produz o oposto do fim visado, cada palavra, cada pensamento serve para tornar pensamentos compreensíveis, mas apenas até um ponto determinado. Acúmulos para além desse ponto tornam os pensamentos comunicados cada vez mais obscuros... cada palavra supérflua faz de seu fim o oposto: como diz Voltaire, “o adjetivo é o inimigo do substantivo”, “o segredo para ser aborrecido é tudo dizer”. “Ainda é sempre melhor suprimir algo bom do que acrescentar algo insignificante”. “Todo o dispensável age de maneira prejudicial”^(XXXIII).

A terceira exigência da exposição é a *propriedade da expressão*, oratio probabilis⁽⁹⁸⁾ de um discurso que não seja nem mais nem menos do que justo. A λέξις deveria ser πρέπουσα⁽⁹⁹⁾, diz Arist. Ret. III 2. Necessário evitar certos erros: 1. κακέμφοτον ou αἰχρολογία⁽¹⁰⁰⁾ (eventualmente formam obscenidades através da separação ou união de sílabas, cum notis hominibus loqui, cum Numero fui). 2. ταπεινωσις ou humilitas⁽¹⁰¹⁾ através da qual a grandeza ou a dignidade de uma coisa é afetada, saxea est verruca in summo montis vertice. Um assassino não deve ser denominado nequam, alguém que tem uma relação com uma hetera não deve ser denominado nefarius⁽¹⁰²⁾. 3. A μείωσις⁽¹⁰³⁾, aqui falta algo à perfeição. 4. A ταύτολογία⁽¹⁰⁴⁾, a repetição da mesma palavra ou do mesmo conceito. 5. A συνωνυμία⁽¹⁰⁵⁾, a repetição do já dito com outras expressões. 6. A ὁμοιολογία⁽¹⁰⁶⁾, falta de toda variação, monotonia. 7. A μακρολογία, longior quam oportet sermo⁽¹⁰⁷⁾. 8. Pleonasmus, cum supervacuis verbis oratio operatur. Nossa “palavra expletiva” é παραπλήρωμα⁽¹⁰⁸⁾. Cícero fala do complementa numerorum nos oradores asiáticos^(XXXIV). 9. περιεργία supervacua operositas⁽¹⁰⁹⁾. 10. κακόζηλον⁽¹¹⁰⁾, uma afetação invertida, o estilo parece ser “ensaiado” (o que chamamos “retórica” ou prosa poética), origina-se da inclinação para um estilo floreado; mas aí também se encontra a frieza τὸ ψυχρὸν (Arist. Ret., III, 3) no emprego da Composita poéticas, de expressões de glosa, de epítetos supérfluos e de metáforas trazidas de longe. 11. τὸ ἀνοικονόμητον

mal disposto. 12. ἀσχημάτων figuras mal empregadas. 13. κακοσύνθετον mal colocado. O σαρδισινός é a mistura de dialetos (ático com dórico, jônico e eólico). Assim é a mistura de estilos, do elevado com o baixo, do antigo com o novo, do poético com o habitual. Para falar de maneira oportuna é preciso não apenas ter em vista o que é útil, mas também aquilo que convém. Apologia de Sócrates^(XXXV) julgada segundo isso. – Posteriormente, alguns desses vitia aparecem como afetação e, como intensificação, sob a rubrica de ornatus^(XXXVI).

Isso depende, ademais, de [dados como]: para quem ou por quem se fala, em que tempo e em que lugar, por qual causa. É diferente o orador idoso do jovem. Admirável é Lísias que se regula, em seu discurso, pelo caráter do orador, tanto quanto pelos ouvintes e pelo objeto. Donis. de Lis. iudic. 9, p. 245. Algumas qualidades em si louváveis podem parecer impróprias – em um processo de vida ou morte não é esperado um grande cuidado com o estilo e a arte da composição. A eloqüência epidíctica demanda muito mais ornamento do que a jurídica. A incisiva separação dos genera na expressão leva até mesmo à afetação: Quint. III 8,58 se queixa de que alguns declamadores na Suasória fingem um brusco começo, um discurso apressado e agitado, na expressão do cultus effusior⁽¹¹¹⁾, para se afastar do discurso judiciário em cada uma das suas partes. Assim, in summa: pureza e clareza em toda parte, mas tudo modificado segundo as características do lugar, da circunstância, daquele que discursa, dos ouvintes – o sentimento do estilo, que demanda uma expressão modificada em cada caso. Semelhante à música, em que o mesmo ritmo atravessa ileso uma peça; mas no interior dele delicadas modificações são necessárias. O estilo característico é o domínio artístico próprio do orador: aqui ele exercita uma força *plástica* livre e a linguagem é para ele o material disponível. Aqui ele é artista imitador, ele discursa como o ator, a partir de um personagem estranho ou de uma causa estranha a ele. Aqui repousa, no fundo, a crença de que cada um conduz o melhor possível uma causa à sua própria maneira, i. é., produz o máximo de convicção. Daí o ouvinte encontra a naturalidade, i. é., a propriedade e a unidade absolutas, enquanto se ele, por algum afastamento delas, sente a artificialidade, torna-se então desconfiado em relação à causa defendida. A arte do orador está em jamais deixar que a artificialidade seja percebida. Daí o estilo característico que é, certamente, produto da arte mais elevada, tal como a “naturalidade” do bom ator^(XXXVII). O verdadeiro orador fala a partir do ἦθος⁽¹¹²⁾ da pessoa ou da causa defendidas por ele. Ele inventa os melhores argumentos e apologias (como habitualmente apenas o egoísmo encontra), as palavras e

maneiras as mais persuasivas. O espantoso nele é que, através dessa arte, através de uma permuta de personagens de que ele se utiliza com prudência, ele encontra o que apenas o advogado mais eloqüente de qualquer homem, de qualquer partido, o egoísmo, pode encontrar. Trata-se de uma permuta de ego como a do dramaturgo. Goethe assinala que todos os personagens representados em Sófocles são os melhores oradores, pois após cada um falar, têm-se sempre a impressão de que sua causa é a mais justa e a melhor^(XXXVIII). Este é o próprio efeito do estilo característico pelo qual Sófocles se distinguiu na maturidade, segundo seu próprio testemunho.

§5. O discurso característico em relação ao ornamento do discurso

Na boca daquele que fala por si ou por uma causa, o discurso deve parecer completamente próprio e natural: não deve ser lembrada a arte da permuta, pois senão o ouvinte torna-se desconfiado e receia ser enganado. Há, assim, na retórica também uma “imitação da natureza” enquanto principal meio de convencer: apenas quando o palestrante e sua linguagem são adequados um ao outro é que o ouvinte acredita na *seriedade* e na *verdade* da causa defendida; ele se entusiasma pelo orador e *acredita* nele – notadamente que ele próprio [o orador] *acredita* em sua causa e *é probo*. A “propriedade” desemboca em um efeito moral. Clareza (e pureza) desemboca em um efeito intelectual: quer-se ser entendido, quer-se passar por probo. A “pureza” já é uma limitação meio artística do característico, pois, na boca de muitos tornam-se necessários solecismos e barbarismos para a completa ilusão (recordar a maneira com que Shakespeare introduz porteiros e amas na cena, Κίλισσα em Coéforas)^(XXXIX). O característico é, assim, rompido uma vez pela transposição à esfera da linguagem *instruída*. A segunda vez, através da exigência geral do “ornamento do discurso”. Essa deve ser esclarecida pela disposição agonística dos antigos – toda conduta pública do indivíduo é uma disputa: não apenas a força convém aos combatentes, mas também as armas *reluzentes*. É preciso portar armas não apenas próprias, não apenas para vencer, mas para vencer “elegante”⁽¹¹³⁾: é a exigência de um povo agonístico. Além da impressão de “probidade”, deve ser produzida também a impressão de *superioridade* da liberdade, dignidade e beleza da forma da disputa. O mistério próprio da arte retórica é a *sábia* relação das duas considerações: o probo e o artístico. Em toda parte onde a “naturalidade” nua e crua é

imitada, o sentido artístico dos ouvintes sente-se insultado. De outro lado, onde se aspira puramente à impressão artística, a confiança moral dos ouvintes é rompida facilmente. Esse é um jogo no limite entre o estético e o moral: uma unilateralidade anularia o êxito. O encantamento estético deve aumentar a confiança moral e nenhum dos dois deve superar o outro: a admiratio dos combatentes é o meio principal do *πιθανόν*. Cícero escreve no *Brutus*^(XL): *nam eloquentiam, quae admirationem non habet, nullam iudicio*⁽¹¹⁴⁾. Ele diz *De orat.* III 14, 52 ss. [...]: “Nunca um orador é admirado por falar latim: caso ele não possa fazê-lo, é escarnecido e não será considerado como homem, muito menos como orador. Ninguém, ainda, glorificou aquele que fala de forma que a assistência possa compreendê-lo, mas despreza aquele que não pode fazê-lo. Quem comove assim os homens? Por quem se interessam os olhares admirados? Para quem soam os sonoros aplausos? Quem é, por assim dizer, deus entre os homens? Quem discursa claramente, de forma concatenada, quem fala com rica plenitude e luxo radiante de assuntos e de palavras e que, ao fazê-lo, move-se em um ritmo quase poético – isso é o que chamo de belo. Igualmente, quem se modera na medida em que a dignidade das causas e pessoas exige, desse eu digo que merece o elogio da exposição própria”. Aqui aparece o *característico* quase como uma limitação do *belo**: enquanto, habitualmente, o belo é considerado como limitação do característico. O autor do dialog. de orator diz muito bem. c. 22: “Eu exijo do orador, como de um abastado e imponente pai de família, que a casa em que ele vive não apenas proteja contra a chuva e o vento, mas também alegre aos olhos e aos sentidos, que ele providencie sua limpeza não apenas para a satisfação das necessidades imediatas, mas também que em seus armários haja ouro e pedras preciosas que possam ser tomadas nas mãos e eventualmente apreciadas”^(XLI). A ausência de todo ornamento não é c. 23 absolutamente vista como sinal de saúde. Há oradores melancólicos e despojados de todo encanto que ganham seu frescor espiritual, do qual fazem muito caso, não de uma forte organização, mas através de uma dieta curativa. “Mas, aos médicos não

* Da mesma forma, Quintiliano I, 5, I (quia dicere *apte*, quod est praecipuum (acrescentado *εγο πρέπον*) plerique ornatui subiciunt) inicia-se assim: iam cum omnio oratio tres habeat virtutes, ut emendata, ut dilucida, ut ornata sit. N.A.

Tradução do texto reorganizado: “O estilo tem três qualidades: correção, clareza, brilho (eu não falo aqui da *conveniência*, a qualidade principal, pois, geralmente, está incluída no brilho).” Entre parêntesis: “acrescentado por mim”. N.L.-L.

agrada a existência física de uma saúde que se sustenta através de uma preocupação escrupulosa; não ser doente não é suficiente: o homem deve ser valente, alegre e feliz. Onde quer que o homem apenas saiba enaltecer o bem estar, a doença não está longe”. A beleza vale, para ele, como a flor da saúde, c. 21: “passa-se com o discurso o mesmo que com o corpo humano: ele apenas é bonito quando as veias não sobressaem, quando não se podem contar os ossos, ainda mais quando saudável e bom sangue preenche os membros, músculos robustos se formam e estendem o rubor sobre os nervos apresentando tudo de maneira bela”. De maneira diversa pensa Cícero de *oratore* III 25,98 ss. aí atento sobre como o grande fastio se avizinha da grande sensualidade: há, também um grande perigo associado ao ornatus. O discurso precisa oferecer sombras e pausas, para que com isso não sobrevenha embotamento algum e para que, então, sobressaem os lados luminosos (tal como Hamann diz: “clareza é a justa divisão entre luz e sombra”)^(XLII).

Quint. descreve as qualidades gerais do ornatus VIII c. 3, 61: *ornatum est, quod perspicuo ac probabili plus est*⁽¹¹⁵⁾ – portanto, uma intensificação (ou modificação) das qualidades da clareza e daquilo que é próprio. A correção gramatical não se deixa intensificar, mas sim modificar através das vias de expressão que certamente se afastam da original, mas são justificadas e trazem uma variação agradável (p. ex., formas e expressões antigas). As chamadas figuras gramaticais fazem parte disso. Depois, afastamento da proprietates pelo dos tropos. A clareza se intensifica através do emprego de imagens e alegorias, concisões expressivas ou amplificações. Portanto, provérbios e figuras como artifício do discurso para reforço da propriedade. – Mas todo ornamento deve ser forte e digno sanctus, livre de frivolidade feminina e de arrebiques falsos, apesar de que aqui a região fronteira entre virtudes e faltas é muito pequena. Isso vale especialmente no que diz respeito aos *numeri orationis*⁽¹¹⁶⁾: os antigos praticamente exigiam versos também para a prosa; para a respiração, notadamente pontos finais que não sejam inseridos pela fadiga, pelos sinais de pontuação, mas sim pelo *numerus*. Esses *numeri* repousam, por sua vez, na ligação com a *modulatio* da voz. Mas, ao mesmo tempo, um verdadeiro *Vers*⁽¹¹⁷⁾ vale inteiramente como erro. Depois, a isso se acrescenta a construção do período. Os começos e os finais dos períodos, o que mais fortemente atinge a audição, são especialmente importantes.

O ornamento pede, assim, a transposição⁽¹¹⁸⁾ da propriedade para uma esfera mais alta, a das leis da beleza. Ele é a transmutação do característico, pri-

meiro pela eliminação do menos nobre no característico e, também, pelo o desenvolvimento do nobre e belo, os grandes traços do característico. Ele [o ornamento] é a natureza mais elevada, em oposição a uma naturalidade comum, reprodução e recomposição, em oposição à imitação e ao arremedo.

§6. Modificação da pureza

Que os poetas (diz Arist. Ret., III, 1), apesar da opinião comum, pareçam ter alcançado tal reputação pelo encanto de sua linguagem, isso se deve a que o primeiro discurso era poético e, também, ainda agora a maioria não instruída crê que esse tipo de orador fala de forma mais bela. Górgias queria conferir ao discurso um encanto semelhante ao que possuíam os poetas: ele não reconhecia a lei de Isócrates, segundo a qual eles tinham de se servir apenas de palavras comuns^(XLIII). Ele se tornou o descobridor da espécie de discurso grandiosa e poetizante que foi ilustrada especialmente por Tucídides. Tucídides apreciava, segundo Dion, d. Halic., λέξις ἀπερχαιωμένη e γλωσσηματικὴ⁽¹¹⁹⁾^(XLIV). Sua linguagem não mais era usual nas discussões públicas da Atenas de então: ele se detém no que desaparece, bem como no dialeto ático antigo com suas πράσσω, ξύν, ἐς, τετάχεται^(XLV) etc. Tucídides sentia que a linguagem trivial não era apropriada para ele e nem para seus temas. Ele fez notar seu domínio sobre a linguagem nas formas novas e peculiares, em construções em desuso. Entre os oradores que se destacavam por sua pureza e simplicidade, o emprego da antiquada palavra γλωσσι é bem raro, da mesma forma que as reproduções⁽¹²⁰⁾ πεποιημένα e Composita διπλᾶ ou σύνθετα. Sendo elas utilizadas, [isso ocorre] em pontos elevados. Quando essas palavras são empregadas ao bel-prazer, sem um fim determinado, tal como em Andocides^(XLVI), isso denuncia uma formação técnica imperfeita: o estilo se torna policromado. (Aqui se encontram reminiscências da linguagem dos trágicos). Antífon^(XLVII), muito consciente, aspirava à dignidade também através do arcaísmo, p. ex. σο: enquanto Péricles já se acomoda no dialeto moderno nos discursos públicos e a comédia prova como se falava publicamente para o povo nos tempos de Antífon. Em sua τέχνη eram dadas prescrições sobre a formação de novas palavras. No interior dos limites da clareza, ele ornamenta o discurso com todos os encantos do novo e do inabitual. Muitos ἄπαξ λεγόμενα⁽¹²¹⁾. A seguir, a substantivação dos neutros a partir dos participios e dos adjetivos. – Entre os romanos começa a tendência

à expressão arcaica com o tempo do império e cresce muito rápido, depois que Salústio^(XLVIII) deu o exemplo. Já Augusto faz (Suetônio Aug. 86) repreensões em uma carta a Tibério ut exoletas interdum et reconditas voces aucupanti⁽¹²²⁾. Sêneca diz aos seus contemporâneos ep. 114, 13: multi est alieno saeculo petunt verba: duodecim tabulas loquuntur. Gracchus illis et Crassus et Curiu nimis culti et recentes sunt, ad Appium usque et ad Coruncanium redeunt⁽¹²³⁾^(XLIX). Era um meio de estímulo para um gosto corrompido. Cícero foi visto como perversor da autêntica latinitas; o harmonioso era odiado. Período muito importante para o conhecimento do arcaico: muito a receber de Gélius^(L). Frontão é o mais tolo e mais grosseiro representante^(LI). A relação com o arcaísmo no período clássico deve ser bastante distinguida dessa fase doentia. Os termini fortes são: latinitas (excluído o não latino), urbanitas (excluídos tudo o que é plebeu e provinciano no latim). A patavinitas⁽¹²⁴⁾ que Asinius Polio reprovava em Tito Lívio era uma falta contra a urbanitas^(LII). Em geral era evitado todo insolens verbum⁽¹²⁵⁾: Cesar (segundo Macrobius) I, 5, 4): tamquam scopulum sic fuge insolens verbum. Cícero de oratore III 25, 97: moneo ut caveatis ne exilis ne inculca oratio vestra, ne vulgaris, ne obsoleta⁽¹²⁶⁾. Varrão^(LIII) emprega o arcaísmo com consciência, Salústio com afetação. Cic. de orat. III 38, 153, que sempre advertiu contra o arcaísmo no *discurso*, diz, apesar disso, que empregado no lugar certo, ele dá ao discurso uma tintura grandiosa; ele que não se intimidou ao dizer qua tempestate Poenus in Italiam venit, ou proles suboles ou fari nuncupare, non rebar opinabar⁽¹²⁷⁾^(LIV). Quint, I 6, p. 39 compreende que um discurso é defeituoso, si egeat interprete, daí sejam verba a vetustate repetita na medida em que una a majestade à novidade, primorosamente, mas opus est modo ut neque creba sint haec neque manifesta, quia nihil ousiosius affectatione, nec utique ab ultimis et iam oblitteratis repetita temporibus, qualia sunt toppe et antegerio et exanclare et prosapia et Salorium carmina vix sacerdotibus suis satis intelleta⁽¹²⁸⁾. A palavra ἀρχαϊσμός provém de Dionis. de compos. verbor. c. 22. A seguir, também ἀρχαῖζω ἀρχαιολογεῖν ἀρχαιοειδές, também ἀρχαῖκὸν κάλλος⁽¹²⁹⁾.

As reproduções πεποιημένα ὀνόματα, nova fingere⁽¹³⁰⁾. Cícero tem de orat. III 38, 152 inusitatum verbum aut novatum e no orator c.24 nec in faciendis verbis audax et parcus in priscis⁽¹³¹⁾. Neologismo⁽¹³²⁾ não é uma palavra grega, tampouco monólogo e biografia. Os gregos eram muito mais livres e ousados nesse ponto. Quint. diz: Graecis magis concessum est sonis etiam et affectibus non dubitaverunt nomina aptare non alia libertate quam illi primi

homines rebus appellationes dederunt⁽¹³³⁾. Entre os romanos isso era duvidoso. Celsus o proíbe totalmente aos oradores. Cícero foi feliz nas transposições de termini filosóficas. beatitas e beatitudo formadas por ele de nat. deor. I 34, 95 com as palavras: utrumque omnino durum, sed usu mollienda nobis verba sunt⁽¹³⁴⁾. Sergius Flavius formou ens e essentia, mas quanto à segunda palavra Sêneca ep. 58, 6 reporta-se a Cícero e a Papius Fabianus. Reatus foi primeiro empregado por Messala, munerarius por Augusto e logo empregado em geral, leitores de Quintiliano ainda achavam piratica indecente. Cícero considerava novos favor e urbanus, e desdenhava piissimus (empregado por Antonius, muito usual na época de prata da latinidade). breviarium em vez summarium teve entrada na época de Sêneca. Cícero tinha obsequium por uma reprodução de Terêncio (mas já [se encontra] em Plautus e Naevius). Cervix singularmente [aparece pela primeira vez] em Hortensius^(LV). Quintiliano dá, então, a prescrição: si quid periculosius finxisse videbimur, quibusdam remediis praemunendum est “ut ita dicam”, “si licet dicere”, “quodam modo”, “permittite mihi sic uti”⁽¹³⁵⁾. Não se pode determinar o fundamento segundo o qual se diferenciam as admissões dos neologismos. Horácio ars. poet. 60 compara a transformação das palavras com a mudança da vida, e parece que isso ocorre ainda da maneira mais casual e arbitrária v. 70:

multa renascentur quae iam cecidere, cadentque quae nunc sunt in honore vocabula, si volet usus, quem penes arbitrium est et ius et norma loquendi.⁽¹³⁶⁾

Entre os gregos tardios multiplicam-se especialmente as reproduções por composições. Lobeck fala sobre isso em Phrynichos p. 600^(LVI). O maravilhoso processo da eleição das formas lingüísticas se desenvolve continuamente. Descobriu-se que entre as tribos selvagens e rudes da Sibéria, África e Sião já duas ou três gerações chegaram a mudar em grande parte o aspecto de seu dialeto. Missionários na África Central tentaram descrever a língua de tribos selvagens e recensear todas as palavras. Regressando depois de dez anos, acharam esse dicionário antiquado e fora de uso. Em tempos literários, isso anda mais devagar, no entanto Goethe deve ter, durante sua longa vida, notado um extraordinário e reiterado aparecimento de novas cores e mudanças de estilo. Nós estamos agora sob a influência excessiva da leitura dos jornais, especialmente depois do ano de 1848. É preciso ser cuidadoso mais do que nunca para que nossa língua não produza gradualmente a impressão de mediocridade.

§7. A expressão por tropos

Cíc. de orat. III 38, 155 diz que a forma metafórica do discurso é gerada pela necessidade, pelo impulso da indignação e do embaraço, mas posteriormente procurada por sua graça⁽¹³⁷⁾. “Tal como a vestimenta, inicialmente inventada para defender do frio, posteriormente tornou-se também adorno e refinamento do corpo, o tropo correspondia a uma carência e foi cada vez mais empregado quando agradava. Mesmo os camponeses falam dos olhos da videira⁽¹³⁸⁾, gemmare vites, luxuriem esse in herbis, laetas, segetes, sitientes agri⁽¹³⁹⁾. Metáforas, igualmente, são um bem tomado de empréstimo alhures, porque não se tem o próprio”. Oposição entre κυριολογία κυριολεξία κυριωνυμία e τροπική φράσις⁽¹⁴⁰⁾. Ou proprietas e improprium (ἄκυρον). Quint. VIII 2, 3 de início designa como proprietas a inferior mediocridade popular da qual nem sempre se pode afastar, já que não se podem ter expressões exatas para tudo p. ex. precisa-se dizer também iaculari quando é lançado pilis, lapidare quando é glebis ou testis⁽¹⁴¹⁾. As abusio ou κατάχρησις⁽¹⁴²⁾ deste tipo vem a ser necessárias. Então sua proprietas é o significado original das palavras, p. ex. vertex seria semelhante a contorta in se aqua, em seguida quidquid aliud similiter vertitur, em seguida os pars summa capitis (propter flexum capillorum), em seguida id quod in montibus eminentissimum⁽¹⁴³⁾. Os significados próprios aparecem assim como os mais antigos, como os sem adorno. Contra isso Jean Paul [está] certo [em seu] curso elementar de estética: “Tal como antigamente o hieróglifo precedeu o alfabeto na escrita, também a metáfora estava na linguagem, na medida que ela designa relações e não objetos, e a palavra *antiga* precisou descolorir-se gradualmente para [tornar-se] *expressão própria*. O anímico e o corpóreo ainda se confundiam em uma unidade, por que o eu e o mundo ainda se fundiam. Daí, toda linguagem é, no que respeita às suas relações espirituais, um dicionário de metáforas empalidecidas”^(LVII). Os antigos somente podiam representar a arte como consciente. As metáforas não artísticas – in quo proprium deest⁽¹⁴⁴⁾ – eram atribuídas (como Quintil.) aos indoctis ac non sentientibus⁽¹⁴⁵⁾. Apesar de que também o homem refinado freqüentemente não sabe como escapar⁽¹⁴⁶⁾. Assim, o embaraço e a tolice originam os tropos populares, a arte e o prazer [originam] os discursivos. Oposição totalmente falsa. Em casos conhecidos a linguagem é coagida a transposições, pois faltam os sinônimos; noutros casos, parece que o luxo a impulsiona: daí, principalmente, se pudéssemos comparar a

transposição com as expressões antes empregadas, a transposição apareceria como uma criação artística livre e a designação usual como a palavra “própria”.

Os gregos, e também Aristóteles, tinham primeiro (p. ex., Isócrates) μεταφορά⁽¹⁴⁷⁾ como designação para transposição. Hermógenes^(LVIII) diz que os gramáticos ainda chamam de μεταφορά aquilo que os retóricos chamam de τρόπος⁽¹⁴⁸⁾. Entre os romanos adota-se tropus, com Cícero ainda translatio immutatio⁽¹⁴⁹⁾, e mais tarde [adota-se] também motus mores modi. Sobre o número e as subespécies de tropus havia contendas cerradas: chegou-se a 38 ou mais espécies. Nós recenseamos metáfora, sinédoque, metonímia, antonomásia, onomatopéia, catacrese, metálepsis, epíteto, alegoria, ironia, perífrase, hipérbato, anástrofe, parêntesis, hipérbole. Não quero falar sobre a legitimidade lógica dessas espécies; mas é preciso compreender as expressões.

A metáfora é uma comparação⁽¹⁵⁰⁾ concisa, tal como em contrapartida a comparação é designada como μεταφορά πλεονάζουσα. Cic. de orat. III 40, p. 159. acha estranho que os homens com grande riqueza de expressões próprias prefiram as metáforas. Isso proviria de ser uma prova de força do espírito saltar os passos mais próximos e querer alcançar o que está mais longe. Distinguem-se quatro casos: I. Usa-se uma coisa por outra [em se tratando] de duas coisas animadas (“Catão habitualmente ‘ladrava’ contra Cipião; cachorro por homem). 2. inanimado por inanimado Virg. En. II, I: classi inmittit habenas⁽¹⁵¹⁾. 3. Inanimado por animado quando Aquil. é chamado de ἔρκος Ἀχαιῶν⁽¹⁵²⁾. 4. Animado por inanimado p. ex. Cic. pro Lig. c. 3, 9: quid enim Tubéro, tuus ille, dstrictus in acie Pharsalica gladius agebat? cuius latus ille mucro petebat? qui sensus erat armorum tuorum?⁽¹⁵³⁾. Aristot. Poética c. 21 distingue de outra forma: uma metáfora é a transposição de uma palavra cujo emprego é habitualmente outro, [transposição] do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, da espécie para a espécie, ou segundo a proporção*. Transposição do gênero para a espécie p. ex. “ali repousa o barco” α 185, pois estar em um ancoradouro é uma espécie de repouso. Da espécie ao gênero: “Odisseu já realizou milhares de atos nobres”, ω 308 ἦ δὴ μῦρὶ Ὀδισσεὺς ἔοργεν, pois milhares é muito e o poeta emprega aqui tal expressão no sentido de “muitos”^(LX). Da espécie para a espécie: “suprimindo a vida com o ferro”, e “estirpando com o invencível fer-

ro”, aqui está extirpar por tomar, lá está tomar por extirpar, ambos espécies de tirar^(LX). Segundo a proporção: “tal como a velhice [está] para a vida, assim se relaciona o anoitecer com o dia; então, pode-se chamar o anoitecer de velhice do dia e a velhice de anoitecer do dia”. No sentido estrito, resta apenas a quarta espécie κατὰ τὸ ἀνάλογον. Pois a primeira não é metáfora (o menos preciso para o mais preciso e não o impróprio para o próprio), a terceira espécie não é clara. A segunda espécie somente diz respeito a uma esfera conceitual mais ou menos estreita da palavra.

Um emprego excessivo da metáfora obscurece e conduz ao enigmático. Assim, sendo a vantagem da metáfora a de produzir uma impressão sensível, deve-se evitar todo indecoro: Cícero dá exemplos die orat. III 41: castratam morte Africani rem publicam, stercus curiae Glauciam⁽¹⁵⁴⁾. Quintiliano desdenha versos de Furius Bibaculus: “Juppiter hibernas cana nive conspuit Alpes”⁽¹⁵⁵⁾(LXI).

Sinédoque. O conceito de domus é designado por uma parte essencial quando é chamado de tectum⁽¹⁵⁶⁾: mas tectum evoca a representação de domus, pois na percepção sobre a qual estas palavras se apóiam as duas coisas surgem simultaneamente: cum res tota parva de parte cognoscitur, aut de toto pars⁽¹⁵⁷⁾. Muito poderoso na linguagem, conforme já expus. Bopp, Virgl. Gramm. T.II p. 417^(LXII) defende o ponto de vista de que o argumento grego seria originalmente idêntico ao α privativum, i. é., de que ele nega o presente e assim designa o passado. A linguagem jamais expressa algo completamente, mas acentua por toda parte a marca que mais se sobressai: sem dúvida a negação do presente ainda não é o passado, mas o passado é efetivamente uma negação do presente. Um possuidor-de-dentes não é ainda um elefante, um possuidor-de-cabelos não é ainda um leão, e contudo o sânscrito chama o elefante de dantín e o leão de kesín^(LXIII). O emprego, naturalmente, é ainda mais livre para o poeta do que para o orador: o discurso tolera mucro para espada, tectum para casa, mas não puppis para barco⁽¹⁵⁸⁾. Sobremaneira admissível o livre emprego do numerus, p. ex. Romanus para Romani, aes aurum argentum para vasos daquele tempo de ouro ou de prata, gemma para um vaso feito de pedras preciosas. ἀλώπηξ pele de raposa totum pro parte, ἑλέφας, μαρμίν, χελώνη tartaruga, κόμαι Χαρίτεσσιν ὁμοίαι (para Χαρίτων χόμαις)⁽¹⁵⁹⁾. Ou Coéf. 175 coro ποίαις ἐθείραις; Electra αὐτοῖσιν ἡμῖν κάρτα προσφερέης ιδεῖν⁽¹⁶⁰⁾. A isso pertence também aquilo que Ruhnken^(LXIV) denominava genus loquendi quo quis fa-

* ἀπὸ τοῦ γένους ἐπὶ εἶδος, ἀπὸ τοῦ εἶδος ἐπὶ γένος, ἀπὸ τοῦ εἶδους ἐπὶ εἶδος, κατὰ τὸ ἀνάλογον (segundo trechos de Homero). N.A.

cere dicitur, quod factum narrat, p. ex. Homerus Venerem sauciat sagitta humana⁽¹⁶¹⁾.

Metonímia, aplicação de um substantivo por outro, também ὑπαλλαγή⁽¹⁶²⁾. eius vis est, pro eo quod dicitur, causam propter quam dicitur, ponere⁽¹⁶³⁾. Muito poderosa na linguagem: os substantiva abstratos são qualidades em nós e fora de nós, que são arrancados de seus suportes e são apresentados como seres autônomos. A audácia⁽¹⁶⁴⁾ faz com que os homens sejam audaces⁽¹⁶⁵⁾; no fundo isto é uma personificação, tal como os deuses-conceitos Virtutes Cura⁽¹⁶⁶⁾ etc. Aqueles conceitos que simplesmente devem sua origem às nossas sensações são apresentados como o ser⁽¹⁶⁷⁾ interior às coisas: nós imputamos ao aparecer, como *fundamento*⁽¹⁶⁸⁾, o que é apenas a consequência. Os Abstrakta⁽¹⁶⁹⁾ suscitam a ilusão de que *eles* são aqueles seres, os quais desencadeiam as propriedades, enquanto apenas em consequência destas propriedades eles recebem de nós uma existência figurada⁽¹⁷⁰⁾. Muito instrutiva a transição de εἶδη a ἰδέαι⁽¹⁷¹⁾(LXV) em Platão: aqui se completa a metonímia, permuta da causa pelo efeito. No moderno sentido de “velho”, propriamente “desenvolvido”, há uma permuta entre causa e efeito. Pallida mors, tristis senectus, praeceps ira⁽¹⁷²⁾. As coisas inventadas são nomeadas a partir de seus inventores, as coisas submetidas são nomeadas a partir de quem as submete. Neptunus Vulcanus, vario Marte pugnare⁽¹⁷³⁾. Heróis homéricos como representantes típicos de suas habilidades: Automedon para “condutor”, os médicos Machaones^(LXVI). [...]

Notas

- (I) Trata-se do *Rheinische Museum für klassische Philologie*, publicação periódica editada, então, em Frankfurt am Main. De 1867 a 1870 Nietzsche compôs o volume index dos números 1 a 24 (série 1842 a 1869). Ele publicou seus principais estudos filológicos entre 1867 e 1873. O artigo mencionado de Spengel chama-se *Sobre a Definição e a Divisão da Retórica*. Leonhard Spengel (1803-1880) é autor de uma *Συναγωγή τεχνῶν sive artium scriptores ab initiiis usque ad editos Aristotelis de rhetorica libros*, Stuttgart, 1828, de uma seleção de oradores gregos e de dois livros sobre a retórica de Aristóteles. N. L.-L.
- (II) Seu livro é uma espécie de manual que, por sua vez, apóia-se em outros trabalhos filológicos e em edições dos oradores gregos atribuídas a Walz (*Rhetores Graeci*, Stuttgart, 1832-1836, 9ª vol.) e em Spengel. Nietzsche, na parte publicada do curso, segue a introdução e a terceira parte da obra. Ele toma de empréstimo dessa obra o seu esquema, muitas vezes os títulos dos capítulos, a grande maioria dos exemplos e, enfim, toma de empréstimo ao longo do texto, parágrafos inteiros ou frases inseridas em uma exposição mais sucinta. Ele se afasta desse autor na introdução (sobre os gregos e a linguagem), sobre a origem retórica da linguagem (v. notas sobre Gerber) e em muitas reflexões sobre a arte e a linguagem, também devedoras de Gerber. Ao fazê-lo, rejeita, no final do curso (§§ 12-16) os temas das partes 1,2,4 e 5 de Volkmann, a saber, a análise técnica detalhada dos três gêneros de oratória e os termos em que ela é desenvolvida – ou seja, rejeita dois terços do livro. N. L.-L.
- (III) Estes são, tradicionalmente, os fundadores da retórica em Siracusa, cerca de 460, na época dos processos decorrentes da queda da tirania. Tísias, aluno de Córax, foi o mestre de Lisias e de Isócrates, e autor de um tratado desaparecido. N. L.-L.
- (IV) Platão, *Górgias*, 453a, é uma das fontes da atribuição. N. L.-L.
- (V) Segundo Sextus Empiricus, *Adversus mathematicos*, II, 62, 301. N. L.-L.
- (VI) Tudo o que concerne a Platão aqui é, em grande parte, extraído e, eventualmente, compilado desta teste de habilitação. Vale notar que esta é concluída com a idéia de que Platão nos teria proposto em Sócrates a imagem do retórico, junto com a imagem ideal do filósofo. N. L.-L.
- (VII) *Fedro*, 259 e sgts. (Trata-se, sem dúvida, de um erro de leitura do manuscrito). N. L.-L.
- (VIII) Não é aí, entretanto, que Sócrates menciona o fim da transmissão do saber (ele apenas fala de agradar aos deuses). Ver, antes, 276e, 278a, etc. N. L.-L.
- (IX) *Fedro*, 276e. N. L.-L.

- (X) De fato, 376c – 378e. Também, mais abaixo (414b): de fato 414b – 415a, onde se trata de um mito pretensamente “fenício” sobre metais mais o menos preciosos existentes na composição das classes sociais. N. L.-L.
- (XI) Anaxímenes de Lampsacus, retórico do séc. IV a.C. A atribuição da *Retórica a Alexandre* foi tema de debate durante muito tempo. Spengel estabeleceu: *Anaximenes ars rhetorica quae vulgo fertur Aristotelis ad Alexandrum*, Zurique, 1844. N. L.-L.
- (XII) Nietzsche acrescenta aqui o “verossímil”, que se encontra indicado um pouco antes por Aristóteles (I,1), num primeiro esboço da definição. N. L.-L.
- (XIII) Assinalamos aqui, e isso vale para todas as citações dessa obra, que as referências a Quintiliano remetem-se à sua *Institutiones Oratoriae* (fim do séc. I). Contexto da citação que se segue: “é preciso aceitar os que ... estimam que a retórica consiste em ‘pensar e falar como se deve’”. O termos gregos não estão em Quintiliano. N. L.-L.
- (XIV) Rufus, o Retórico, séc. I. N. L.-L.
- (XV) Quintiliano segue uma tradução do grego. Teodoro de Gadara, retórico do séc. I, mestre de retórica em Tibéria N. L.-L.
- (XVI) Hermágoras “o velho” (o “jovem é posterior a Teodoro de Gadara), retórico do séc. II. Cícero foi seu aluno. N. L.-L.
- (XVII) *Ad Herennium* ou *Retórica a Herennius*, publicada junto da obras de Cícero, e depois atribuída (sobretudo por C. L. Kayser, em 1854) a um certo Cornificus mal identificado (cf. Quintiliano, V,10,IX,2,etc.). Escrita em torno de 85. N. L.-L.
- (XVIII) *Da Invenção*, escrito quando tinha 22 anos (84); *Do Orador*, escrito em 56 (698 depois da fundação de Roma; atualmente se atribui a data de 55 para esse escrito). O Antonius e o Crassus desse diálogo são oradores do fim do séc. II. *Brutus* foi escrito em 46. *O Orador* data do mesmo ano. *Tópico* foi escrito em 44 e se apresenta como um resumo da obra homônima de Aristóteles, mas ultrapassa muito a tópica dos “lugares” em direção a uma retórica. Trebatius é um jurisconsulto célebre, a quem é dedicado o *Tópico*. Nietzsche não cita as *Partições Oratórias*, que cita Volkmann, e nem *Do melhor Gênero de Oradores*. N. L.-L.
- (XIX) Essa palavra valia, de modo geral, para *τεχνη ρητορικη*: tratado (arte) de retórica. A existência de um tratado de Isócrates, afirmada por Spengel, entre outros, atualmente é colocada em dúvida (v. Isócrates, *Discours*, Ed. Belles-Lettres, vol.IV). N. L.-L.
- (XX) O Discurso XIII, segundo ordenação da edição Wolf de 1570, é o *Contra os Sofistas*. A referência exata é 19-20. N. L.-L.
- (XXI) Gêneros de discursos de escola. Os primeiros buscam exortar um personagem histórico ou mítico a tomar partido (cf. Quintiliano, II, 2). Os segundos se voltam para debater uma questão. Os primeiros referem-se, sobretudo, ao gê-

- nero deliberativo, e os segundos ao gênero jurídico. Tácito, *Diálogo dos Oradores*, XXXV, apresenta-os como os dois grandes gêneros de escolas de retórica. N. L.-L.
- (XXII) Aluno de Isócrates, – séc. IV. N. L.-L.
- (XXIII) No quadro que se segue e depois, na divisão tripartida discutida a seguir, Nietzsche resume e simplifica todo um debate analisado por Volkmann concernente aos retóricos inspirados pelos médio e baixo estoicismo. As fontes são, aqui, Hermágoras, Sextus Empiricus, *Adversus Rhetoricos*, 6, Sêneca, *Cartas*, 89, e sobretudo Sulpicius Vitor. N. L.-L.
- (XXIV) Esse texto e o seguinte são de Sulpicius Vitor, retórico do séc. I, em suas *Institutiones Oratoriae*. N. L.-L.
- (XXV) Essa combinação de idéias em vista da exposição in *Contra os Sofistas*, 16. Ver também *Sobre a Troca*, 47, *Evagoras*, 10, etc. N. L.-L.
- (XXVI) Dionísio de Halicarnassus, retórico e historiador do séc. I. Os textos mencionados aqui são, sobretudo: *Tratado da Composição das Palavras*, 1; *Retórica*, 4; *Julgamento sobre Tucídides*, 24,2;. N. L.-L.
- (XXVII) Cf. Diels-Kranz, *Fragments dos Pré-socráticos*, B3 e B11 (esse último de Plutarco publicado no *Rheinische Museum*, nº 27, em 1872).
- (XXVIII) Os exemplos estão em Gerber, que se remete a Bopp e a compiladores antigos. “Mitumfassen” como tradução de sinédoque é de Gerber, que acrescenta “Mitverstehen” (compreender com). Para os exemplos concernentes à língua hebraica, Gerber usa as próprias palavras em hebreu com a tradução alemã. N.L.-L.
- (XIX) Ele era conhecido por cultivar assonâncias: Cícero, *De Oratore* LII, e outros fragmentos. N.L.-L.
- (XXX) Simon Dach, poeta, 1605-1659; a *Viagem Sentimental* de Sterne, em que esse assina Yorik, tal como em outras obras; Christian Wolf é o filósofo discípulo de Leibniz e professor de Kant.
- (XXXI) Kröner observa que Estrabão não estava seguro dessa etimologia. Mais precisamente, em XIV, 3 e 5, Estrabão dá o nome de Σολοί sem comentários. Mas, em II, 28: “A palavra *καρίζειν* (de Caria) é que deu a idéia de introduzir em nossas gramáticas gregas as expressões *βαρβαρίζειν* e *σολουκίζειν*, quer extraiamos dessa última o nome da cidade de Σολοί, quer atribuamos a ela outra etimologia”. Comp. D. Laércio, I,2,4. N. L.-L.
- (XXXII) Dionísio de Halicarnaso, *Sobre Lisias*, 13; Cf. Cícero, *Brutus*, 35. N. L.-L.
- (XXXIII) Kröner observa que todo fim da alínea é feita de citações de Schopenhauer. Schopenhauer, *Werke*, Leipzig, 1939, vol. VI, p. 555-7. As citações de Nietzsche não estão, todas, na ordem do texto. A primeira citação de Voltaire está em francês no texto de Schopenhauer e a segunda também, mas sem a menção ao autor (seu texto original é: “O segredo para entediar é dizer tudo”);

os dois no *Discours sur l'homme*. A segunda citação também é citada em "O Mundo..." II, p. 465, op.cit. N.L.-L.

- (XXXIV) A escola da Ásia Menor data do séc. III a.C., mas floresce no final do séc. I d.C.. N.L.-L.
- (XXXV) Sobre a mistura de estilos nesse texto, cf. a própria *Apologia* 17c-18a; também o julgamento de Nietzsche em geral sobre Platão no *Nascimento da Tragédia*, cap. XIV e em seu curso de literatura grega, Kröner, p. 75. N.L.-L.
- (XXXVI) Os exemplos vêm de Quintiliano e de Carisius; Nietzsche os toma de empréstimo de Volkmann (Kröner). Carisius é um gramático do séc. IV. A lista de Quintiliano apenas difere da de Nietzsche em alguns detalhes. N.L.-L.
- (XXXVII) Esta comparação com o ator já aparece em Quintiliano (I,11) e Cícero (Tusculanas, XLX,43). Nietzsche retornará a ela em seu curso sobre literatura grega. N. L.-L.
- (XXXVIII) Goethe, *Conversações com Eckermann*, 18 de março de 1827 (= Biedermann, *Goethes Gespräche* 2 III, 355) (Kröner). Trad. E. Délerot, Paris, 1863. *Conversations* de Goethe, t. I, p. 319: "Seus personagens sempre receberam o dom da eloquência... o auditório está quase sempre do lado daquele que fala por último. Vê-se que, em sua juventude, ele se dedicou a estudos bem sérios de retórica". N. L.-L.
- (XXXIX) Ama de leite de Orestes (= à Siciliana); V. *As Coéforas*, v. 734 ss. N.L.-L.
- (XL) Citado em Quintiliano, VIII, 3 - e Volkmann. N.L.-L.
- (XLI) Trata-se de Tácito. Na seqüência, textos de Cícero e de Tácito. N.L.-L.
- (XLII) Hamann, 1730-1788. Carta a F. Jacobi, 18 de janeiro de 1876. Já citado por Goethe, *Maximen und Reflexionen*, n. 251. Segundo o texto original: "eine gehörige (conveniente, correspondente ao requerido) Theilung", em lugar de *richtige* (justo). N. L.-L.
- (XLIII) Sobre Górgias, cf. Aristóteles, *loc. cit.* e Dionísio de Halicarnaso, *Da Imitação*, 8. Sobre Sócrates, cf. frag. 9 in *Discours* (Belles-Letres), T. IV, p. 231. N. L.-L.
- (XLIV) Em *Julgamento de Tucídides*, 2. N. L.-L.
- (XLV) Todas essas palavras são formas do velho ático, caracterizadas pelo duplo σ ou pelo ξ no lugar do que será, no ático, ττ ou σ (Nietzsche alude mais abaixo a isso a propósito de Antífon). 'Eç resulta no εις ático, e τετάρχαται, τετάρχωνται. N.L.-L.
- (XLVI) 440-390, um dos "dez" oradores áticos canônicos. Não era retórico por profissão. N.L.-L.
- (XLVII) 480-411, um outro dos "dez". Seus neologismos são citados em Diels-Kranz (mas há um problema de atribuição, já que há também Antífon, o Sofista) N.L.-L.

- (XLVIII) 86-35, conhecido por seus arcaísmos, mas que às vezes se tratam de ortografias em uso em seu tempo. N.L.-L.
- (XLIX) "doze tábuas": texto legislativo de 451; Gracchus (Tiberius e Caius), Crassus (Licinius), Curion (Caius e Scribonius): oradores do começo do século I a.C.; Appius (Claudius) e Cornicianus (Tiberius), do séc. II a.C. (Todos citados no Brutus de Cícero). N.L.-L.
- (L) Séc. II; gramático, retórico, discípulo de Frontão, autor de uma compilação geral: *As Noites Áticas*. N.L.-L.
- (LI) Retórico do fim do séc. I, cujas composições são particularmente artificiais. N.L.-L.
- (LII) Tito Lívio nasceu em Pádua. A opinião de Polio se encontra em Quintiliano, I, 5, e VIII. é um escritor arcaista da época de Augusto. N.L.-L.
- (LIII) 116-27; autor, entre outros, de um *De lingua latina*, em que emprega o arcaísmo a título de erudição. N.L.-L.
- (LIV) No primeiro exemplo, *venit* em lugar de *venerit* é uma construção helenizante. Para os outros termos ou formas, conhecemos o seu valor arcaico precisamente por essa passagem de Cícero. N.L.-L.
- (LV) Todas as referências (exceto Sêneca) em Quintiliano, VIII, 3. Celsus, começo do séc. I, bem como os outros autores menores que se seguem. Para *ens*, *essentia*, Quintiliano apenas cita Fabianus; sem dúvida, ele não encontrou as palavras em Cícero, e não podem ser encontradas nas obras que possuímos. Trêncio 190-159, Plautus: 254-184, Naevius: começo do séc. I a.C.; Hortensius: contemporâneo e rival de Cícero. N.L.-L.
- (LVI) Christian-Auguste Lobeck, filólogo do começo do século XIX. Estudo sobre Phrynios (*In Phrynichi loco*), gramático do séc. III, em 1820. N.L.-L.
- (LVII) In Jean Paul, *Sämtliche Werke*, Berlim, 1861, t. XVIII e XXI in vol. X e XI: *Vorschule der Ästhetik*, t. XVIII, p.179 (2. Abteilung, IX. Programm: Über den Witz, § 50). (Kröner dá como referência o §47, mas assinala que a idéia dessa passagem se encontra em muitas outras passagens da obra). De fato, Nietzsche recopia esse texto que é imperfeitamente citado por Gerber (I, p. 361). O texto de Jean Paul realmente apresenta: "Das tropische Beseelen und Beleiben..." que exige que nos resignemos a verter para: "A espiritualização como encarnação dos tropos...".
- Pode-se acrescentar que o conjunto de todo esse § 47 - para tomá-lo como um exemplo do trabalho de Nietzsche - é curiosamente composto de: em sua primeira parte (até o anúncio dos tropos que devem ser examinados em detalhe), Nietzsche retoma as p. 359 e 361 de Gerber, resumindo e fazendo interpolações; na segunda parte, ele empresta as definições dos tropos e exemplos de Volkmann (p. 353-61). Entretanto, no que se refere à sinédoque, apesar de ele retomar a exposição de Volkmann, ele insere aí uma longa passagem de Bopp concernente ao α *privativum*, a "marca saliente", e ao dar um exemplo inteira-

mente extraído do sânscrito, insere uma passagem inteira de Gerber, p. 363-364, sem que isso apareça realmente como citação. N.L.-L.

- (LVIII) Hermógenes de Tarso, retórico do séc. I.
- (LIX) Nietzsche cita livremente Aristóteles até o final do exemplo sobre “a noite da vida” (atribuído por Aristóteles a Empédocles). As referências de Homero são compiladas de Volkman com um erro: a segunda concerne uma segunda referência ao primeiro exemplo, enquanto o segundo exemplo se encontra na *Iliada*, II, 272.
- (LX) Ainda, aqui, trata-se de exemplos de Empédocles retomados por Aristóteles. N.L.-L.
- (LXI) Quintiliano, VIII, 3, cita versos de autor desconhecido (Bibaculus é mencionado em X,1) – mas eles provêm de Horácio, *Sátiras*, II, 5, 41, que os atribui a esse autor (poeta do século I) ironicamente. De qualquer forma, essa atribuição é discutível. N.L.-L.
- (LXII) Bopp, *Vergleichende Grammatik des Sanscrit, Zend, Griechischen, Lateinischen und Deutschen*, Berlim, 1833. N.L.-L.
- (LXIII) *Dantín*, de *dan*, dente; *kesín* de *ke-*, cabeleira; sobre esses exemplos, cf. Bopp, *op. cit.*, II, p. 317. N.L.-L.
- (LXIV) David Ruhnken, filólogo, 1723-1798. *Opuscula oratoria philologica critica*, La Haye, 1807. N.L.-L.
- (LXV) Nietzsche (que não deve esse exemplo a Volkman, nem a Gerber) quer, sem dúvida, indicar a passagem da consideração das formas visíveis (εἶδη) ao pensamento das “Idéias” (ιδέαι). É verdade que Platão divide assim o emprego dos dois termos, mas é uma questão de frequências relativas, mais do que de acepções rigorosamente definidas e distintas. N.L.-L.
- (LXVI) Automedonte: condutor do carro de Aquiles na *Iliada*; Makhaon: filho de Asclépios e médico dos gregos, igualmente na *Iliada*. N.L.-L.

Notas

1. Esse título não provém da edição Musarion, a partir da qual foi feita a presente tradução. Porém, dado que o próprio Nietzsche jamais conferiu um título a essas anotações e já que, costumeiramente, a literatura de comentário se refere a elas como “Curso de Retórica”, não pareceu consistir numa arbitrariedade a utilização do título informalmente estabelecido. N.T.
2. “As artes liberais sublinham, com o adjetivo *liberais*, a casta social a que estão destinadas: são uma torrente cultural e um programa educativo dos cidadãos livres (Sêneca, ep. 88,2 *quare liberalia studia dicta sint, vides; quia homine libero digna sunt*”). Sg. Heinrich Lausberg, *Handbuch der literarischen Rhetorik. Eine Grundlegung der Literaturwissenschaft.*, Vol. I, pp. 50-4. N.T.
3. Kant, *Kritik der Urtheilskraft*, 1ª Parte, 2ª Seção, 1. II, § 51. OBS: as citações feitas por Nietzsche serão sempre, como no presente caso, apenas traduzidas, exceto em casos em que seu recorte ou tradução esteja demasiado discrepante em relação ao texto original. Nesse caso, serão reproduzidas em nota outras traduções para que o leitor possa confrontá-las com a citação do autor. Vale observar que essa citação é praticamente reproduzida de *Die Sprache als Kunst* de Gustav Gerber (cf. Meijers, A. e Stüngelin, M. Konkordanz zu gerber/Nietzsche in *Nietzsche Studien*, 17, 1988) bem como a nota anterior sobre Locke. O comentário sobre Platão, presente a seguir (p. 4) também consiste numa reprodução do texto mencionado. N.T.
4. Os colchetes indicam palavras acrescentadas no decorrer da tradução com o objetivo de tornar a leitura mais fluida. São, portanto, de inteira responsabilidade da tradutora. N.T.
5. Schopenhauer, *Die Welt als Wille und Vorstellung*, Suplemento ao livro I, parte 2, Cap. XII. N.T.
6. Nesta passagem, Nietzsche introduz Kant e Schopenhauer como estando em pleno acordo com suas idéias e, mais do que isso, atribui à autoridade deles preocupações que, em realidade, são suas. Conforme a seqüência deste texto tornará explícito, as idéias de “personalidade individual” e de “jogo” serão centrais na concepção nietzscheana da natureza da linguagem e têm sua importância dada pelo fato de constituírem elementos mais propriamente filosóficos da abordagem que Nietzsche empreende nesse curso. Pode-se cogitar que tais elementos seriam indicativos de uma certa transição da filologia para a filosofia no percurso do autor, pois, como se poderá notar mais adiante, por ocasião do tratamento dispensado a Aristóteles, importa sobremaneira a Nietzsche a abordagem propriamente filosófica da retórica. Por ora, entretanto, vale observar que Nietzsche opera um recorte nos textos dos dois autores citados atribuindo a certas passagens maior relevância do que, provavelmente, elas teriam para leitores movidos por objetivos distintos dos seus. N.T.
7. τέλος pode ser traduzido por “fim próprio”; *officium*, segundo o uso que faz Cícero deste termo a propósito da arte oratória (*De oratore*, I, 138; *Brutus*, 197, por exemplo) pode passar por uma tradução de τέλος e significar: “dever vinculado a uma fun-

- ção”. Nota de Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy em sua tradução para o francês desse texto (in *Poétique*, n.5,1971), o que, doravante será indicado com a seguinte abreviação: “N.L.-L.”.
8. πείθειν: persuadir; *dicendo persuadere*, persuadir pelo discurso. N.L.-L.
 9. Limite, donde: definição. N.L.-L.
 10. “A retórica é senhora da persuasão”. O próprio Nietzsche explica as acepções de δημιουργός que habitualmente a tradução de Platão verte para *demiurgo*. N.L.-L.
 11. Concomitantemente, *estudo e conhecimento* da persuasão – o que Quintiliano (II, 15) traduziu por *scientia*, mas que não significa “ciência” no sentido moderno e nem no sentido platônico. N.L.-L.
 12. “O conhecimento prático da produção de uma certa espécie de alegria e de prazer”. (*Górgias*, 462c). N.L.-L.
 13. Lisonja. N.L.-L.
 14. “Ueber Rhetoriche und seine Bedeutung bei Plato”. N.T.
 15. Retórico – Instrutor. N.L.-L.
 16. Texto: a que ciência nós atribuiríamos a virtude de persuadir as massas (πλήθος) e as multidões (ὄχλος) por mitologias (διὰ μυθολογίας) em lugar de instruí-las (μη δια διδασχῆς)? N.L.-L.
 17. Concomitantemente, aparência e ilusão. N.L.-L.
 18. Belo jogo ou divertimento nobre. N.L.-L.
 19. Vale atentar para o fato de que o destaque atribuído a Aristóteles por Nietzsche deve-se, ao que tudo indica, ao fato de se tratar de uma apropriação “filosófica” do tema da retórica. Pode-se cogitar que é esse tratamento – o filosófico – que o próprio Nietzsche busca para a sua abordagem, ainda que se trate aqui de simples notas de curso. N.T.
 20. “A retórica é a faculdade de descobrir especulativamente o que, em cada caso, é próprio para persuadir”, seg. trad. de Dufour, Belles-Lettres, 1960. N.L.-L.
 21. “Arte”, no sentido clássico do termo. N.L.-L.
 22. “Faculdade” quando se atém a uma tradução mais livre, “potência” quando se faz referência à dualidade aristotélica potência/ato. Será visto, mais adiante que Nietzsche toma essa idéia por *força* <Kraft>. N.L.-L.
 23. Persuadir segundo o conveniente. N.L.-L.
 24. Em cada caso. N.L.-L.
 25. Considerar teoricamente. N.L.-L.
 26. Segundo Lacoue-Labarthe, *Vortrag* designa a exposição, isto é, o próprio ato de pronunciar um discurso, e traduz o latim *promuntiatio*, ou o grego ὑπόκρισις. Aqui, optou-se por “declamação”, versão admitida pela língua alemã e que parece enfatizar o sentido artístico da exposição. N.T.

27. “Aufführung”, foi aqui traduzido por “recitar” para que o termo “apresentação” fique estabelecido como tradução para “Erscheinung” e, também, para enfatizar o papel que a declamação oral adquire no contexto. N.T.
28. “Erscheinen”. N.T.
29. Dizer. N.L.-L.
30. “A retórica é o conhecimento do bem dizer nas exposições contínuas, e a dialética o conhecimento do bem discutir nas exposições por questões e respostas”. N.L.-L.
31. “Schein” foi traduzido por “aparência”, já que o termo “aparição” não conviria ao contexto, pois Nietzsche se refere, aqui, ao “parecer”, à δόξα socrático-platônica. “Erscheinung”, de outro lado, poderá, em alguns casos, ser vertido para “aparição” e, noutros para “apresentação”, cf. se buscará esclarecer nas notas subsequentes. N.T.
32. O bem dizer, a expressão feliz, justa. N.L.-L.
33. “Aqueles que pensaram que a retórica consiste em pensar e em falar como se deve”. Entre parêntesis, em grego: “bem pensar e bem exprimir”. N.L.-L.
34. “Saber arranjar o discurso de maneira bela e persuasiva”. N.L.-L.
35. “A arte de inventar, de julgar e de pronunciar com o ornamento que convém”. N.L.-L.
36. “Dizemos que a retórica é a arte de conhecer o bem dizer, para compreendê-la em uma definição, ou dizemos, distinguindo suas partes, que a retórica é o conhecimento da invenção, da disposição e da elocução corretas, acompanhadas da segurança da memória e da nobreza da atitude”. N.L.-L.
37. Em matéria política. N.L.-L.
38. Noções comuns. N.L.-L.
39. Virtude política. N.L.-L.
40. “Compilação dos oradores romanos”. N.L.-L.
41. Trata-se de Cícero. N.T.
42. Vale lembrar que “tópica” significa um sucinto comentário sobre um tema do cotidiano. N.T.
43. As referências mencionadas não estão reproduzidas no texto original. N.T.
44. “Demonstrativo”, depois, com o sentido de “demonstração gratuita” na retórica, de “solenidade”. Os equivalentes mencionados a seguir designam, ambos, o elogio público pronunciado por ocasião de uma festa. N.L.-L.
45. Judiciário. N.L.-L.
46. Deliberativo. N.L.-L.
47. “Gênero pragmático nos negócios” e “gênero epidíctico destinado à solenidade”. N.L.-L.
48. Literalmente, “que concerne ao encontro”. N.L.-L.
49. “Tese” e “Hipótese”. N.L.-L.
50. ψόγος: depreciação; ἐγκώμιον significa, somente aqui, elogio. N.L.-L.

51. A partir do primeiro sentido de *resposta* designa a *réplica* do autor e depois a *declamação* em geral. N.L.-L.
52. “Nós devemos, com efeito, compreender primeiro o que implica a causa, a que gênero ela pertence, e em seguida, descobrir o que é adaptado à causa, enfim, dispor aquilo que se encontrou de maneira justa e racional”. N.L.-L.
53. “Obras do retor” ou “obras da retórica”. N.L.-L.
54. “É preciso compreender, em primeiro lugar, se se trata de tese ou de hipótese; se nós compreendemos que se trata de uma hipótese, isto é, uma controvérsia, será necessário compreender em que ela consiste; em seguida, a que espécie ela pertence; qual é seu modo; qual é sua posição; e, enfim, qual é sua figura”. N.L.-L.
55. “Pensamento”, “idéia”. Não se trata aqui de *entimema* como silogismo provável. N.L.-L.
56. Exemplo. N.L.-L.
57. “Darstellung”, termo que será, sempre que possível, vertido para “exposição”. N.T.
58. Essa palavra (e seu adjetivo) se opõe, em Dionísio de Halicarnasso a λέξις (elocução) com o sentido de: assunto, questão tratada, conteúdo. N.L.-L.
59. Preparação. N.L.-L.
60. Uso daquilo que foi preparado. N.L.-L.
61. “Eleição de palavras” e “composição de palavras escolhidas”. N.L.-L.
62. “Exercício” ou “cuidado dispensado a alguma coisa”. N.L.-L.
63. “Se há em mim, juízes, algum talento natural, cujos limites eu bem sinto, ou se eu tenho alguma prática da eloquência, que eu não nego que seja exercida apenas mediocrementemente, ou se eu possuo, desta matéria, um conhecimento apoiado na leitura dos melhores autores que, devo dizer, nenhum momento de minha vida repugnou...” (Cícero). N.L.-L.
64. A idéia de que a linguagem é resultado de uma atividade não consciente já aparecia em *Vom Ursprung der Sprache*, escrito de 1869 e que consiste na introdução a um curso sobre Gramática Latina, ministrado por Nietzsche na Universidade da Basileia. Reproduzindo trechos da *Introdução à Filosofia da Mitologia* (I, Lição III) de Schelling de maneira explícita, ele defende aí a tese de que a linguagem é anterior à consciência (v. p. 469). No referido trecho do escrito de Schelling, encontra-se a seguinte formulação: “Como nenhuma consciência filosófica, e mesmo simplesmente humana, é concebível sem a linguagem, não é a consciência que presidiu a criação da linguagem e, entretanto, quanto mais penetramos em sua natureza, mais adquirimos a certeza de que ela ultrapassa por sua profundidade qualquer criação consciente”. Obs: o referido termo é “Werdén”, no original. N.T.
65. A tradução de δύναμις por “força” (“Kraft”) é de Nietzsche. Todo o trecho subsequente, sobre a formação da linguagem e seu âmbito de abrangência é compilado de Gustav Gerber, *A Linguagem como Arte* (Bromberg 1871), com levíssimas modificações. N.T.

66. “Aufnehmen”. “Conter” pareceu ser o termo mais adequado para expressar a idéia de que a sensação não é capaz de abarcar a coisa que a suscita e, ao mesmo tempo, evitar os comprometimentos que o termo “apreender” poderia sugerir. N.T.
67. *Anguis* de: *ango*, comprimir, estrangular; *constrictor*, aquele que comprime, que sufoca. N. L.-L.
68. Do barco. N. L.-L.
69. Das ondas. N.L.-L.
70. “zu Hause” e “Jahaus”. A assonância é intansponível para o português. N.T.
71. Sucessivamente e termo a termo: *qua ex re*, fora dessa coisa; *hinc, inde*, ὅθεν, deste ou daquele lugar; εἰς τί, em direção a algo, em relação a, segundo. N. L.-L.
72. “Ver” e “luz”, “brilhar”. N.L.-L.
73. Esconder. N.L.-L.
74. *Mês* em grego, latim e sânscrito do sânscrito *más*, lua, que permite medir o tempo. N.L.-L.
75. Como se pode notar pelo parágrafo que se segue, Nietzsche entende que a idéia de “essência” é uma criação típica da figura de linguagem que ele aqui denomina “metonímia”, e não da metáfora, conforme comumente se entende. Entretanto, a supervalorização, pela literatura de comentário, da metáfora no que se refere a esse papel não é infundada, pois em *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*, o mesmo exemplo aqui apresentado pelo autor é classificado como metáfora: “(...) como poderíamos no entanto dizer: a pedra é dura: como se para nós esse “dura” fosse conhecido ainda de outro modo, e não como estimulação inteiramente subjetiva! (...) Ele [o formador da linguagem] designa apenas as relações das coisas aos homens e toma em auxílio para exprimi-las as mais audaciosas metáforas” (op. cit. trad. Rubens Torres Filho). N.T.
76. Formas, figuras. N.L.-L.
77. As figuras iguais. N.L.-L.
78. Assonâncias, correspondência sonora. N.L.-L.
79. A idéia da indiferença entre a linguagem em geral e as figuras retóricas está, apoiada fundamentalmente no texto de Gustav Gerber, *A Linguagem como Arte* (Bromberg 1871), sendo que em muitos trechos as notas de Nietzsche contém compilações dessa obra. Isso é evidenciado no trabalho de Meijers, A. e Stingelin, M., *Konkordanz – G. Gerber und F. Nietzsche*, in *Nietzsche Studien*, nº 17, 1988. O que se pode notar através disso é que, se o “Curso de Retórica” se resume em um conjunto de compilações, a apropriação das idéias de Gerber tem um status diferenciado em relação aos demais autores citados, pois permite a Nietzsche transpor o terreno da filologia para se embrenhar em questões de caráter propriamente filosófico. É importante observar, nesse sentido, que vários dos exemplos extraídos de Gerber reaparecem em *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-moral* (para citar um: “Falamos de uma *Schlange* (cobra): a designação não se refere a nada mais do que o

- enrodilhar-se, e portanto poderia também caber ao verme". Trad. de Rubens Torres Filho), escrito que, absolutamente, não poderia ser classificado como filológico e que contém a primeira formulação nietzscheana de uma crítica estritamente filosófica à expectativa da correspondência entre linguagem e mundo, ou, caso se prefira, da correlação entre palavra e coisa. N.T.
80. "O que se sobressai" e "o que não se sobressai" são as traduções encontradas mais próximas para "was ... auffällt" e "Nicht-Auffällige", respectivamente. N.T.
81. "Língua comum", no grego corrente do período helênico; "língua romana". N.L.-L.
82. Todo esse trecho sobre os barbarismos consiste numa compilação de G. Gerber, *Die Sprache als Kunst*, cf. Majjers A. e Stingelin, M., *Konkordanz zu Gerber/Nietzsche*, in *Nietzsche Studien*, 17, 1988. Note-se que, já em 1973, a idéia da propriedade das palavras aparecia relacionada à comunidade, ao meio social. Cerca de dez anos antes de criar a expressão "mentalidade de rebanho", Nietzsche afirma que o próprio é o comum ("gemein") N.T.
83. A pureza do falar, da língua. N.L.-L.
84. O helenismo é o espírito da língua. N.L.-L.
85. "Adição", em latim: "acréscimo de uma letra". N.L.-L.
86. "Subtração", em latim: "subtração de uma letra". N.L.-L.
87. "Substituição", em latim: "substituição de uma letra, se pronunciamos uma letra por uma outra, como *arvenire* para *advenire*". N.L.-L.
88. "Interversão", em latim: "transmutação de uma letra". N.L.-L.
89. Fusão. N.L.-L.
90. Decomposição. N.L.-L.
91. Segundo a acentuação. N.L.-L.
92. "Segundo a quantidade". O exemplo dado vem de Virgílio, *Eneida*, II, 974: *Obstipui steteruntue comae et vox faucibus haesit*: a segunda sílaba de *steterunt*, que deveria ser longa, vale aqui como breve para obedecer às exigências da tarefa de escandir N.L.-L.
93. "Segundo a aspiração"; em grego, presença do "espírito rude", em latim, de um H aspirado. N.L.-L.
94. Impropriedade. N. L.-L.
95. De forma que não se possa encontrar nada que signifique melhor. N.L.-L.
96. Palavras próprias, comuns e tomadas do uso ordinário. N.L.-L.
97. Equívocos, formulações ininteligíveis. N.L.-L.
98. Discurso digno de aprovação. N.L.-L.
99. Conveniente. N.L.-L.
100. "Que soa mal", "obscenidade", (por assonância, *cum no...* e *cum Nu...* que lembram a palavra *cunnus*). N.L.-L.

101. Rebaixamento, baixeza. N.L.-L.
102. "Há uma verruga rochosa no pico da montanha", *nequam*: patife, *nefarius*: criminoso. N.L.-L.
103. Diminuição. N.L.-L.
104. Tautologia. N.L.-L.
105. Sinonímia. N.L.-L.
106. Discurso semelhante. N.L.-L.
107. Ênfase, discurso mais longo do que convém. N.L.-L.
108. Pleonasma, quando o discurso é sobrecarregado de palavras inúteis – *παραπλήωμα*: preenchimento, complementos numéricos. N.L.-L.
109. Cuidado excessivo. N.L.-L.
110. Fervor intempestivo: mau gosto. N.L.-L.
111. Enfeite mais magnífico. N. L.-L.
112. Não se pode ignorar as dificuldades praticamente insuperáveis ao se traduzir esta palavra, que poderia, entretanto, ser traduzida pela palavra que Nietzsche usa frequentemente: *idiosincrasia*. Nosso termo *caráter* adquiriu uma acepção demasiado restrita e enfraquecida, mas cabe bem ao sentido primitivo do termo que se encontra na idéia do *estilo característico* analisado em toda essa passagem. N. L.-L.
113. Em francês no texto. N.T.
114. Pois a eloquência que não suscita a admiração é nula aos meus olhos. N.L.-L.
115. O ornamento é o que é mais do que a clareza e que suscita mais do que a simples aprovação. N.L.-L.
116. "Número", "ritmo do discurso", termo de música (cadência) e de poesia (métrica). N.L.-L.
117. Em francês no texto. N.T.
118. O termo "Übertragung" contém, concomitantemente, as idéias de superação e de elevação acima de algo. Não foi possível encontrar melhor solução em português, já que supõe-se que se Nietzsche quizesse dizer superação, usaria "Überwindung", ou outro termo correlato; se pretendesse significar apenas elevação, poderia, de outro lado lançar mão de inúmeros outros termos disponíveis na língua alemã. N.T.
119. Expressão afastada da linguagem comum e que cultiva o arcaísmo. N. L.-L.
120. "Neubildung". O termo "neologismo" foi evitado aqui, pois Nietzsche utiliza "Neologismus" inúmeras vezes durante esse parágrafo 6. Procurou-se, dessa forma, distinguir as duas ocorrências. Considere-se, portanto, que o sentido do termo "reprodução" tem, em todo o trecho que se segue, uma conotação técnica e significa expressão antiga a qual se atribui novo sentido. N.T.
121. Palavras forjadas por um autor que apenas aparecem nele. N.L.-L.

122. Na medida em que ele, eventualmente, se punha a buscar expressões em desuso e obscuras. N.L.-L.
123. "Muitas pessoas emprestam suas palavras do vocabulário de uma outra época: eles falam a língua das doze tábuas. Gracchus, Crassus, Curion são, para eles, polidos demais, modernos demais; eles recorrem até Appius e Cornucanius". N.L.-L.
124. O paduanismo. N.L.-L.
125. "Fuja da palavra insólita como de um obstáculo" N.L.-L.
126. "Eu vos recomendo evitar a *secura*, a negligência, as expressões comuns e superadas" N.L.-L.
127. Mais precisamente sobre esses modos Quintil. VIII 3, 25. N.A.
128. "Se há a necessidade de um intérprete..." "palavras tomadas do passado"... "é necessário somente que essas palavras não sejam freqüentes e nem aparentes demais, porque nada é mais detestável do que a afetação e não é necessário irmos procurá-las nos tempos mais remotos e já esquecidos, como é o caso de "topper", "antegerio", "exanclare", "prosapia", e dos hinos dos sacerdotes salios que eram compreendido apenas por eles mesmos. N.L.L.
129. Sucessivamente: "arcaísmo", "arcaizar", "falar por arcaísmos", de distância arcaica", "beleza arcaica". N.L.-L.
130. Palavras fabricadas, - compor novas palavras. N.L.-L.
131. "Uma palavra fora do uso comum ou uma palavra nova" - "não ousando absolutamente criar palavras novas e avaro em termos envelhecidos". N.L.-L.
132. Aqui o termo alemão é "Neologismus". N.T.
133. Os gregos tiveram cada vez mais liberdade [para formar palavras novas], eles que não duvidaram do acordo entre as palavras e as afecções e mesmo os sons, e esta liberdade era a mesma que aquela com a qual os primeiros homens teriam atribuído nomes às coisas". N.L.-L.
134. Um e outro são duros, mas devem se adoçar para nós com o uso. N.L.-L.
135. Essa tres palavras designam o *sentido próprio* e se opõem à "expressão por tropos". N.L.-L.
136. Muitas palavra já caídas renascerão
E outras cairão, em honra ao hoje
Se o uso o quer, [ele] que detém o poder
de arbitrar, de julgar, de regrar a palavra. N.L.-L.
137. Nietzsche faz, aqui, um jogo de palavras entre "Armuth" - indigência, pobreza - e "Anmuth" - graça, encanto. N.T.
138. ὁ τῆς ἀμπέλου ὀφθαλμός. N.A.
139. A vinha frutifica, a exuberância da vegetação, os campos felizes, os campos sedentos". N.L.-L.

140. As três primeiras palavras designam o *sentido próprio* e se opõem à "expressão por tropos". N.L.-L.
141. "Lançar" um "dardo" (em lugar de, por exemplo, em francês*, "lançar uma lança"); "lapidar", formado por *lapis*: pedra "quando se trata de *torrões de terra* ou de *cacos*". N.L.-L.
142. Catacrese. N.L.-L.
143. "*Vertex* seria propriamente: a água que revolve sobre si mesma", a seguir "tudo que que volteia de maneira análoga, a seguir "o cume da cabeça (pela espiral dos cabelos)", a seguir "o ponto mais elevado das montanhas". N.L.-L.
144. No que falta o sentido próprio. N.L.-L.
145. Ao ignorante e a aqueles que não sabem pensar. N.L.-L.
146. ἵπποι ἐβουκολοῦτο, "ferradura de prata". N.A.
147. Metáfora. N.L.-L.
148. Tropo. N.L.-L.
149. Translação, modificação. N.L.-L.
150. "Gleichniss" não foi vertido para "alegoria" pelo fato de que Nietzsche emprega o termo mais específico para a tradução dessa palavra, a saber: "Allegorie". N.T.
151. Soltou o freio à frota. N.L.-L.
152. A muralha dos aqueus. N.L.-L.
153. "Que fazia então, Tibério, essa famosa espada que tu desenhastes no campo de Farsália? A que ponto se dirigia sua ponta? O que pensavam tuas armas? N.L.-L.
154. A república castrada pela morte do africano; Glaucio é o excremento do senado. N.L.-L.
155. Júpiter saudava os Alpes, no inverno, com flocos de neve branca. N.L.-L.
156. Casa, teto. N.L.-L.
157. Assim que a coisa inteira é reconhecida graças a uma de suas partes, ou a parte a partir do todo. N.L.-L.
158. "A ponta" para a espada; "o teto" para a casa; mas não "a popa" para barco. N.L.-L.
159. Sucessivamente, raposa, elefante, tartaruga, cabelos semelhantes a Graças (para "os cabelos de Graças"). N.L.-L.
160. A quais cabelos? [literalmente: a quais cabeleiras?] - São os meus que sua cor [de um riso cortado] recorda. N.L.-L.
161. "Gênero do discurso em que alguém é dito ser o autor dos fatos que ele conta"; "Homero fere Vênus com uma flecha humana". N.L.-L.
162. Hipálage. N.L.-L.
163. Seu efeito próprio é o de colocar no lugar do que é dito a causa pela qual se diz. N.L.-L.
164. Trata-se, aqui, do termo em latim. N.T.

165. Vale lembrar que o mesmo exemplo, que aqui aparece apenas indicado, é desenvolvido em *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*: “Denominamos um homem ‘honesto’; por que ele agiu hoje tão honestamente? – perguntamos. Nossa resposta costuma ser: por causa de sua honestidade. (...) O certo é que não sabemos nada de uma qualidade essencial, que se chamasse ‘a honestidade’, mas sabemos, isso sim, de numerosas ações individualizadas, portanto desiguais, que iguamos pelo abandono do desigual e disignamos, agora, como ações honestas; por fim, formulamos a partir delas uma *qualitas occulta* com o nome: ‘a honestidade’ (W.L., I, trad. de Rubens Torres Filho, Abril, S.P., 1978). A retomada desse exemplo evidencia que aquilo que Nietzsche chama genericamente de “metáfora” em *Sobre Verdade e Mentira...* é rigorosamente, segundo seu próprio entendimento, a metonímia. Isso não teria a menor importância, não fosse pelo fato de que, dentre as três figuras de linguagem acima mencionadas, apenas a última é apresentada como a responsável pela idéia de “ser” (Wesen), o que isenta a metáfora, se rigorosamente compreendida, desse papel. A questão é que a crítica a Platão, que já aqui se esboça, parece se sustentar sobre a metonímia, e não sobre a metáfora, como se diz comumente. A relação entre a metonímia e a crítica à teoria das idéias é evidenciada no segundo escrito por meio da mais refinada ironia: “Assim como é certo que nunca uma folha é inteiramente igual a uma outra, é certo que o conceito de folha é formado por arbitrário abandono dessas diferenças individuais, por um esquecer-se do que é distintivo, e desperta então a representação, como se na natureza além das folhas houvesse algo, que fosse ‘folha’, uma espécie de folha primordial, segundo a qual todas as folhas fossem tecidas, desenhadas, recortadas, coloridas, frisadas, pintadas, mas por mãos inábeis, de tal modo que nenhum exemplar tivesse saído correto e fidedigno como cópia fiel da forma primordial” (op. cit. Trad. Rubens Torres Filho). N.T.
166. Virtudes, cuidado. N.L.-L.
167. Neste caso a tradução de “Wesen” para “ser” norteou-se pela preocupação de evitar ao máximo a restrição a uma interpretação mais específica, o que seria o caso da opção pela palavra “essência”. N.T.
168. O termo em questão é “Grund”. Pareceu ser conveniente evitar as possíveis implicações que a palavra “razão” poderia conter. Entretanto, seria possível utilizar “razão” nesse trecho, desde que compreendida como “razão suficiente”. N.T.
169. Grafia de Nietzsche, que se refere ao termo latino “abstracta”. N.T.
170. A reformulação dessa idéia em um formato propriamente filosófico se encontra em *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*: “O que é uma palavra? A figuração de um estímulo nervoso em sons. Mas concluir do estímulo nervoso uma causa fora de nós já é resultado de uma aplicação falsa e ilegítima do princípio de razão”. Dois pontos devem ser notados quanto a isso: 1. Devedor da leitura schopenhaueriana de Kant, Nietzsche entende aqui que a suposição da “coisa em si” é resultante de uma aplicação indevida da categoria da causalidade, e crê que é por esse procedimento que se chega a postular uma “causa” exterior às “nossas sensações”; 2. o esquema subentendido a ambas as formulações (a presente nesse “Cur-

so de Retórica”, que aparece detalhada em *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*), provém de G. Gerber, (cf Meijers e Stingelin, op. cit.p.368).

171. Aspecto visível, idéias. N.L.L.
172. A morte lívida, a velhice triste, a cólera arrebatada. N.L.-L.
173. Netuno (o mar), Vulcano (o fogo), combater em um combate (Marte) duvidoso. N.L.-L.

Referências Bibliográficas

- GERBER, G. e STINGELIN, M. *Konkordanz zu Gerber/Nietzsche*. In: *Nietzsche Studien*, n.17, Berlim, Walter de Gruyter, 1988.
- KANT, I. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Trad. de Valerio Rohden e Antonio Marques. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1993.
- LACOUÉ-LABARTHE, P. “Le détour”. In: *Poétique*, n. 5, Paris, 1971.
- LACOUÉ-LABARTHE, P. e NANCY, J.-L. “Rhétorique et langage”. In: *Poétique*, n. 5, Paris, Firmin-Didot, 1971.
- LAUSBERG, H. *Handbuch der Literarischen Rethorik*.
- NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke*. Berlim, Walter de Gruyter, 1980.
- _____. *Gesammelte Werke*. Munique, Musarion, 1921.
- _____. *Obras incompletas*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, Abril, 1978.
- REBOUL, O. *Introdução à retórica*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- SCHOPENHAUER, A. *O Mundo como Vontade e Representação*. Trad. de Wolfgang Leo Maar. In: *Obras incompletas*. São Paulo, Abril, 1980.
- SCHELLING, F. W. *Introduction a la philosophie de la mythologie*. Paris, Aubier, 1945